

FOLHETIM

O último dia de ARACELI



...rio,
e viciado em en-
...ia, juntamente com
...orin. Dandinho e com a aquiescên-
cia de seu pai Dante de Barros Michelini.
Estes, juntamente com outros amigos da

Josué Guimarães

MAS AíC0

1984

FIGUEIREDO
PASSA
PRESIDÊNCIA
AO GENERAL
CHEFE DO SNI

Anunciada oficialmente a composição do novo ministério

Delfim Neto
assume a Pasta da
Fazenda

SIMONSEN SERÁ O
NOVO MINISTRO DA
AGRICULTURA

**FIGUEIREDO
PROMETE
REVOGAR
O AI-18**

NOVO MINISTRO DO EXÉRCITO PEDE JUÍZO E ADVERTE A NAÇÃO

GOLBERY SERÁ O FUTURO CHEFE DA CASA CIVIL

ANDREAZZA NO MINISTÉRIO DOS
TRANSPORTES

REIS VELOSO NA PASTA DO
PLANEJAMENTO

RICHBIETER NA PRESIDÊNCIA DO
BANCO DO BRASIL

FRANCELINO NA PRESIDÊNCIA
DA ARENA

POLÍCIA FEDERAL PROMETE REVELAÇÕES SOBRE O SEQUESTRO DOS URUGUAIOS

CARNE A Cr\$ 4.800,00

O QUILO REAPARECE

NOS SUPERMERCADOS

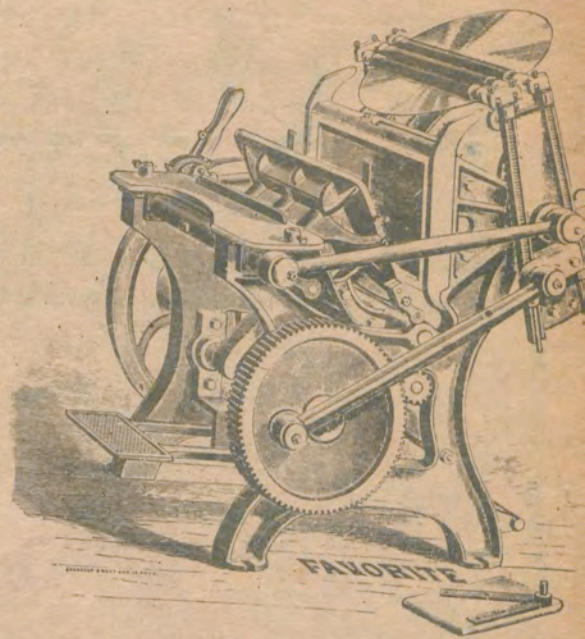
MANGA NO FLAMENGO: 40 MILHÕES PELO PASSE

Fittipaldi
apresenta o seu
novo F-36 e
promete
trazer
o título

**SIMONSEN
AFIRMA: DÍVIDA
EXTERNA DE 120
BILHÕES DE
DÓLARES
NÃO ASSUSTA**

fre reajustamento: litro a Cr\$43,32

QUEDA DO
CRUZEIRO:
DÓLAR A
Cr\$ 132,56



GREVE

Jorge Arizio

Peço desculpas, mas depois de ler o noticiário desta semana acho que muitas coisas não vão bem. A razão é simples: se toda greve é ilegal, e se todo grevista pode ir para a cadeia, imagino que o Brasil tenha que se dedicar a construir cadeias para os próximos vinte anos. Não que eu considere isso impossível: está aí o Uruguai, um exemplo notável de país-cadeia que não me deixa exagerar; e está aí a Argentina que passa fogo em quem for contra. Mas é que temos uma brutal dívida externa, como todos sabem; e temos também um futuro alviçareiro pela frente.

Imagine-se os nossos credores estrangeiros chegando e perguntando: "Ué, onde é que foi parar o pessoal que morava aqui em São Paulo?" ou ainda: "Que é que foi feito daqueles motoristas cariocas que ameaçavam a gente com tanto alegria de viver?". E o coronel Erasmo respondendo: "É que eles fizeram greve e nós tivemos que trancafiá-los".

Bem, nossos credores poderão achar que governo é governo e que isso sim é que é lei e ordem e coisa e tal. Mas certamente será difícil convencê-los de que o coronel Erasmo não estará brincando e que, na verdade, são só os assalariados que estão na cadeia, ou seja, apenas uns 99% da população brasileira. Depois, afora o problema de elegância — os turistas ao verem as ruas vazias pensarão que não estão agradando — teremos de convencê-los de que somos organizadíssimos e que o BNH realmente está construindo prisões a módicas prestações com um mínimo de correção monetária ao ano. De qualquer modo, porém, será um problema.

Não que eu seja contra a greve, entenda-se. Acho que em certas condições a greve faz bem para todo mundo: a greve do Xá do Irã, por exemplo, ao que me consta, foi muito bem recebida. Não houve ninguém que lhe fosse pedir para continuar trabalhando de xá, porque o Irã não pode viver sem seu xazinho e coisa e louisa. Nada disso: mal o Xá avisou alto e bom som que ia não só fazer greve, como até tirar umas feriazinhas e foi aquela alegria toda, gente dançando e outros até trabalhando com mais empenho. Por isso, no Brasil, poderíamos, acho, a fim de evitar exageros, até incentivar certas greves. Já imaginaram com que alegria ouviríamos dizer que o Didi Pedalada e o delegado Pedro Seellig vão fazer greve se os uruguaios não lhes derem aumento salarial? Imagine-se, aliás, melhor ainda — uma greve no ministério novo: o sr. Andreazza dizendo que "a venda dos índios para os chineses fica para outro dia porque hoje eu estou em greve", ou o sr. Delfim Neto anunciando solene: "Estou em greve, logo não me venham com esse negócio de vender a Amazônia que eu não entendo" ou ainda, para atrair a simpatia do povo: "Não estou pedindo nada demais: 240% de aumento ou então capim gordura para todo mundo"? Quer dizer, se isso realmente acontecesse eu seria francamente a favor de greves. Além disso, a greve em certos ministérios poderia ser benéfica para os próprios. Já pensaram numa greve no ministério da Justiça em favor da justiça? Ou outra no ministério da Educação em favor da educação?

Enfim, confesso, não tenho lá muitas opiniões firmadas sobre o assunto. Imagino que uma greve na Academia Brasileira de Letras, contra a crase, por exemplo, poderia ganhar o apoio maciço da juventude brasileira, com reflexos evidentes na cultura do chá; ou que uma greve geral dos serviços do INPS poderia salvar a vida de muita gente (mas também quase não faria falta, pois ninguém sabe ao certo quais são os serviços do INPS).

No mais porém, e por enquanto, sou intransigentemente contra qualquer greve pessoal do general Figueiredo. Ele disse que se não der ele larga tudo e que então seremos iguaizinhos à Argentina — se for assim mesmo, neste caso particularíssimo, sou a favor da lei antigreve. E sem qualquer contemplação.

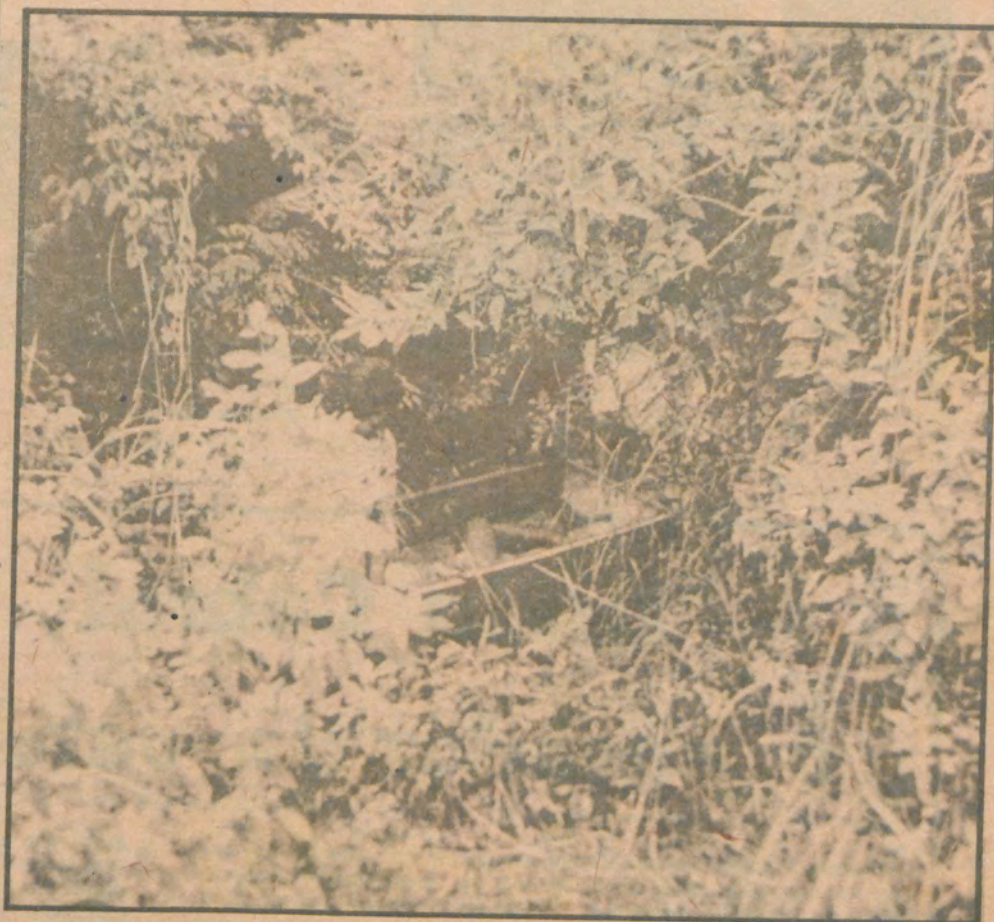
assim morreu Araceli



Araceli aos oito anos, morta a 18 de maio de 1973, depois de ser raptada por Paulo Helal e Dantinho de Barros Michelinei

O último dia de Araceli ainda não é, esperamos, o dia da Justiça neste País. Porque esta ainda existe aí, apesar de uma Araceli que está morta. Apesar dos assassinos que, indiciados, estão livres. Nestas páginas, um homem chamado Asdrubal Cabral e o repórter Carlos Alberto Luppi — os dois responsáveis pela reviravolta do caso, em recentes reportagens publicadas na "Folha" — falam deste último dia. À espera de que não seja também o fim da Justiça.

Carlos Alberto Luppi



O corpo: agora é a vez da Justiça, que já dispõe da verdade.

Os fatos novos sobre o caso Araceli revelados pela "Folha de S. Paulo" no período de 15 de novembro de 78 a 10 de janeiro de 79 e que possibilitaram a elucidação definitiva do crime ocorrido em Vitória, Espírito Santo, somadas às investigações efetuadas nos últimos quatro anos e meio pelo perito Dudu Cabral e pelo Corregedor de Polícia Waldiner Frasson, permitem estabelecer pela primeira vez como ocorreu o assassinato de Araceli Cabrera Sanchez. E o perito Dudu Cabral quem conta:

"Araceli saiu do colégio São Pedro pouco depois das 16 horas do dia 18 de maio de 1973, uma sexta-feira. Deixara o colégio mais cedo porque sua mãe, dona Lola, pedira à direção do colégio que a dispensasse. Foi raptada antes de chegar ao bar Kiskina, no trajeto que ela sempre fazia entre o colégio e o ponto de ônibus que a levaria em casa, no bairro de Fátima, 16 quilômetros ao norte de Vitória.

"Tanto Dantinho Michelinei como Paulo Helal e outros elementos viciados em entorpecentes da Praia do Canto, em Vitória, já conheciam a menina previamente e já a paqueravam estimulados pelo es-

croque e falsário Jorge Michelinei — tio de Dantinho e irmão de Dante — e pelo próprio Dante de Barros, que já tinham relacionamento com a mãe da menor, dona Lola Cabrera. Tanto assim que Jorge certa vez presenteara Araceli com um óculos escuro e um biquíni e Dante dera três mil cruzeiros a dona Lola para que lhe comprasse roupas. Dona Lola ainda foi vista no Bar Franciscano — de propriedade dos Michelinei — em companhia de Jorge, e Araceli foi vista nas imediações do bar várias vezes, encostada como a esperar alguém. Mas não era só isso: toda a inocência de Araceli era usada por sua mãe para o tráfico de tóxicos e há muita gente em Vitória que sabe que Araceli várias vezes costumava levar "encomendas especiais" enviadas por dona Lola aos integrantes da "patota" e a Jorge Michelinei.

"A menina, que era bonita, começou a despertar a atenção dos viciados. Jorge Michelinei, por exemplo, que em 1949 e 1956 esteve preso em São Paulo como falsário, era conhecido alcoólatra e viciado em entorpecentes em Vitória, juntamente com seu sobrinho Dantinho e com a aquiescência de seu pai Dante de Barros Michelinei. Estes, juntamente com outros amigos da

alta sociedade de Vitória, costumavam promover "festinhas de embalas" em salas do edifício Palácio do Café — da praça Costa Pereira — e nos fundos do bar Franciscano. Não é à toa que o traficante Adir Modenezzi fazia ponto às 10 horas da noite na entrada do edifício Palácio do Café e regularmente abastecia de tóxicos estas reuniões até ser morto com vários tiros de metralhadora por "saber demais".

"Nos fundos do bar Franciscano (hoje transformado em Clube Franciscano para

que Dante possa cobrar preços especiais por suas mercadorias, fugindo assim à fiscalização da Sunab) havia um local — que Jorge e Dante destruíram logo após o crime — onde eles costumavam promover festinhas de embalas, chamado "Jardim de Anjo". Dantinho Micheliní e seu grupo, do qual fazia parte Paulo Helal também possuíam um local próprio para suas próprias festinhas coletivas ou particulares: um apartamento no inacabado edifício Apolo, mas já usado por eles.

"Paulo Helal chamava Araceli de "a

minha menininha" e fora visto dando-lhe presentes — uma boneca — e guloseimas — como sorvetes. Isto porque já conhecia Araceli e Araceli o conhecia em suas idas e vindas em que a mãe a usava para o tráfico de entorpecentes.

"Naquela tarde de 18 de maio de 1973, a menina deixara o colégio e no caminho entrou no carro Mustang branco de Paulo Helal. Dali foi levada para o apartamento do edifício Apolo nas proximidades. A noite caiu e várias pessoas estavam no apartamento para mais uma "festinha"

com álcool e tóxico. Araceli entrou no apartamento levada por Paulo Helal. De início, os viciados liderados por Helal e por Dantinho Micheliní deram à menina uma dose de um barbitúrico qualquer. Como das vezes anteriores em que havia experimentado guloseimas com alguma substância tóxica, Araceli começou a vomitar e a passar mal. Nessa altura dos acontecimentos, alguns participantes da festa já estavam saindo do apartamento, deixando Araceli com Dantinho e Paulo Helal. Do sono ao coma foi um passo.



O juiz Wilton Silly, que não acreditou no inquérito inicial e procurou a verdade.



Dante de Barros Micheliní, pai de Dantinho e envolvido no crime.



Jorge Micheliní, que morreu num acidente de carro.



Paulo Helal, um dos assassinos, quando dava entrada na delegacia. Está solto.



Dante de Brito Micheliní, o Dantinho, um dos assassinos. Também está solto.

Dudu Cabral, o caçador da verdade

"Araceli, Araceli, Araceli..."

Até um mês atrás, estes eram gritos de chacota dirigidos àquele homem de 53 anos de idade, cabelos já embranquecidos, baixo, magro e narigudo, o mais ilustre hóspede do humilde hotel Castanheiras, na praia de Jacarepaguá, bem perto de Vitória. Para respondê-los, o homem se limitava a abaixar a cabeça e permanecer em silêncio. No íntimo, a certeza absoluta de que um dia estes gritos seriam substituídos por olhares perplexos diante da verdade que fatalmente iria aparecer.

Em questão, o caso Araceli — o rapto e assassinato da menor Araceli Cabrera Sanchez, de oito anos e 9 meses, por jovens milionários viciados em entorpecentes, das famílias Helal e Micheliní, a mais fina flor da sociedade capixaba. O assassinato ocorrera a 18 de maio de 1973.

Um ano depois restava um inquérito feito com todas as falhas possíveis e imagináveis, provas destruídas, intimidação de testemunhas e omissões imperdoáveis. E o juiz da 3.ª Vara Criminal de Vitória, Waldir Vitral, chamava o famoso perito Carlos Eboli para auxiliar no caso. Eboli, que morava no Rio de Janeiro, começou então suas

pesquisas em Vitória. Até que um dia seus compromissos no Rio de Janeiro impediram-no de continuar diretamente no caso, e o juiz Waldir Vitral pediu-lhe que indicasse um perito de sua absoluta confiança para prosseguir as pesquisas na área de Vitória.

Carlos de Melo Eboli voltou ao juiz acompanhado de um senhor de 48 anos de idade, magro, baixinho, narigudo, já conhecido dos meios policiais de Vitória.

— Este homem vai descobrir a verdade. Tudo o que ele fizer eu assino embaixo. Eu o tenho na mais alta conta, não só como amigo, mas também como técnico.

Eboli estava apresentando ao juiz o perito Asdrubal de Lima Cabral, o "Dudu" Cabral, odiado por muitos, amado por poucos nos últimos quatro anos e meio por causa da persistência com que buscou a verdade do caso, "doesse a quem doesse".

E doeu. Principalmente para o próprio Dudu Cabral, pressionado, ameaçado, humilhado para que desistisse de qualquer maneira.

Quando entrou no caso, su-

geriu que as investigações fossem todas novamente iniciadas, diante de tantas falhas que encontrou no inquérito policial anterior. Como um caçador, palmilhou passo a passo todos os caminhos que levassem aos assassinos de Araceli. Calculou centímetro a centímetro todas as distâncias, ouviu dezenas e dezenas de pessoas, realizou inúmeras perícias. Durante este tempo sofreu oito processos da parte das famílias dos criminosos. Todos sem o menor fundamento. Passou fome: os milionários conseguiram até mesmo que ele fosse suspenso de suas funções na secretaria da Fazenda do Espírito Santo, onde tem emprego regular, por mais de um ano em que teve seus salários congelados. Separou-se da mulher, que um dia chegou para ele e disse, apavorada com tantas ameaças e pressões sobre a família: "Ou eu ou Araceli".

Dudu Cabral foi taxativo: "Araceli".

A partir de então passou a morar em pequenos hotéis em Vitória até que foi parar como hóspede de Dona Zezé, do hotel Castanheiras, em Jacarepe, onde Dudu se queixa principalmente da ausência dos velhos amigos, "que desde que comecei a trabalhar no caso Araceli se

afastaram, temerosos de alguma coisa".

Não faz mal. Na busca da verdade acabou fazendo novos amigos, principalmente fora de Vitória, entre jornalistas, escritores, cineastas que ajuda sucessivamente em novas pesquisas e investigações sobre o caso. Foi assim que Dudu Cabral acabou sendo personagem principal do livro ainda proibido "Araceli, Meu Amor", de José Louzeiro, que o respeita como a um irmão mais velho.

Mas não é só isso. Dudu Cabral, através de quatro anos e meio de pesquisas, conseguiu — contra praticamente tudo e todos — chegar à verdade no caso Araceli. Foi ele que primeiro levantou os testemunhos iniciais de pessoas com envolvimento indireto no caso e que acabaram no indiciamento, ano passado, pela Justiça, de Dante de Barros Micheliní, Dantinho e Paulo Helal como envolvidos no assassinato da menina e na destruição das provas materiais do crime com o auxílio de policiais, a exemplo do ex-capitão Manoel Nunes de Araújo e do ex-superintendente de polícia José Gilberto Faria.

Nas novas investigações feitas recentemente pela "Folha" e que solucionaram o caso, Dudu Cabral esteve sempre presente, principalmente nas dramáticas 72 horas que levaram à prisão dona Lola Cabrera Sanchez, a mãe de Araceli, por estar se viciando em Vitória uma menina boliviana de 13 anos por ela trazida ao Brasil através de documentação

falsa. O perito também estava junto ao repórter durante as investigações sobre a participação de dona Lola no tráfico de entorpecentes na rota Bolívia-Brasil, quando ela é mais conhecida como "Dália Negra".

— Agora posso morrer tranquilo — dizia Dudu Cabral após a confissão de dona Lola de que mantinha ligações com os Micheliní e sua acusação de que Jorge (já falecido), Dante, Dantinho e Paulo Helal mataram Araceli.

No dia seguinte às revelações de dona Lola, em Vitória, Dudu Cabral voltara ao seu quarto de hotel em Jacarepe. Na rua, tomando água de coco e bebendo sua cerveja gelada próximo à praia, algumas pessoas passaram. Desta vez não gritaram "Araceli, Araceli, Araceli..."

— Parabéns, Dudu. A verdade finalmente surgiu. Agora é com a Justiça — lhe disseram. O ex-escrivão de polícia em Vitória, que um dia resolveu ser perito por "pura vocação", o caçador de verdade — como o apelidaram alguns amigos mais íntimos — se viu de certa forma recompensado por tantos esforços e tanto sofrimento.

— Três coisas me fizeram procurar sempre a verdade no caso — afirma. O apelo do meu amigo Carlos Eboli, que morreu sem saber o final do caso Araceli, a própria menina que se hoje estivesse viva estaria com 13 anos e meio e que não é culpada pela torpeza de certos seres que se dizem humanos, e a verdade pura e simples.

Desesperados, Dantinho e Paulo Helal chamaram Jorge Michelini e Dante de Barros para socorrê-los.

"Jorge chegou, mas antes disso, Paulo Helal saiu com ela nos braços envolto numa japonsa pretendendo levá-la para casa. Araceli foi colocada no Mustang de Helal já bastante massacrada. No desespero, os criminosos praticaram violências físicas na menor. Apertaram seu pescoço e deram-lhe socos tentando estimulá-la a sair do estado de coma. Os laudos médicos provam isso. No caminho, Helal mudou de idéia. Parou o carro em algum lugar de Vitória, usou a menor sexualmente, embora ela estivesse inconsciente e sangrando e retornou ao apartamento onde já estava Jorge Michelini. Os três saíram no carro de Helal, que por baixo da poltrona traseira apareceu, posteriormente, todo sujo de sangue e com restos de cabelos, conforme atestam os mecânicos Izemar do Nascimento e Arlindo dos Santos em depoimento já dado à polícia. Nesse trajeto tentaram dar éter para que Araceli cheirasse e recuperasse a consciência. Nada adiantou. Então fizeram o se-

guinte: no meio do caminho, com a menina envolta na japonsa, tentaram desencilhar-se dela colocando-a numa lata de lixo numa das avenidas de Vitória (há pessoas que viram isso, inclusive alguns motoqueiros de Vitória ligados a Helal, todos garotos de 15 e 16 anos). Foi então que Jorge Michelini ameaçou um por um cada motoqueiro para que todos silenciassem, conseguindo este objetivo durante todos estes anos.

"Colocaram de novo Araceli dentro do carro e a levaram para o fundo do bar Franciscano onde ela permaneceu pelo menos entre 24 e 48 horas. Antes disso, os assassinos levaram a menor ao Hospital Infantil, tentando que ela fosse socorrida. O socorro foi negado. No Franciscano, Araceli foi amordaçada com o uso de cordas. Acredita-se que os criminosos ainda mantinham a esperança de que ela estivesse viva e pudesse recobrar os sentidos. A boca da menor apresentava pequenos rasgos nos lados, segundo os laudos médicos, além de hematomas e sinais de sevícias generalizadas. Todas as tentativas feitas para que Araceli sobrevivesse não

vocês vão ver só



O encontro do cadáver de Araceli, num matagal de Vitória.

A história de Dudu Cabral no caso Araceli começa a partir da amizade que tinha por Carlos Eboli, o mais famoso perito brasileiro e que conseguiu até mesmo tornar a perícia no Brasil algo científico e não um processo apenas dedutivo.

— Conheci o Eboli há mais de vinte anos, quando eu era perito contratado pelo Grupo Montini, que tomara a fábrica de cimento Barbará, de propriedade de Elpidio Volpini, em Cachoeiro do Itapemirim. O Eboli era perito da parte contrária. Fomos apresentados em Cachoeiro e como ele dispunha de material apropriado para pesquisa científica e eu não, nem de recursos laboratoriais para a perícia nem de instrumentos, começamos a trabalhar juntos, embora defendendo partes contrárias. Após os exames, acabei por subscrever o laudo de Carlos Eboli por achá-lo absolutamente verdadeiro. Isso, é claro, causou mal estar dentro do Grupo Montini, que estava ligado ao governo. A fábrica estava sob intervenção. Acabei sendo dispensado das funções pelo Grupo por ter sido honesto, retornando então ao meu posto de perito a serviço da secretaria da Fazenda do Espírito Santo. Nasceu, a partir daí, uma profunda amizade entre eu e Eboli.

Em 1974, Carlos Eboli estava realizando conferências no Espírito Santo sobre perícia criminal, quando o juiz Waldir Vitral chamou-o para o caso Araceli. Eboli fez um levantamento completo do local do crime e descobriu, entre outras coisas, que Fortunato Picin (um dos amigos de Dantinho e Paulo Helal e que dias após a morte de Araceli se dispôs a contar a verdade) havia sido assassinado na Santa Casa de Vitória, cujo provedor era o pai de Paulo Helal. Até aquele momento, Picin morrera de "malária". Depois, a Santa Casa foi obrigada a admitir, devido às investigações de Carlos Eboli, que Picin morrera por "erro médico". Além disso, Eboli descobriu que Picin não estava envolvido na morte de Araceli, como alguns queriam fazer crer, principalmente Dante de Barros Michelini que tentava assim jogar a culpa do assassinato num indivíduo já morto.

— Depois dessas pesquisas, o Eboli me chamou e perguntou se eu conhecia o caso Araceli. Falei que apenas superficialmente. Ele me passou o inquérito no início de 1974, pedindo que eu me manifestasse a respeito. Li as investigações e cheguei pro Eboli e disse que, no meu entender, a gente tinha que rasgar todo o inquérito inicial, que era uma farsa, e começar tudo de novo. O Eboli então perguntou se eu estava disposto a colaborar no caso gratuitamente, dada a dificuldade da sua locomoção entre o Rio e Vitória.

Eu topei e fui em seguida apresentado ao juiz e ao delegado Ildefonso Primo.

— No início, o ex-capitão Araújo, que havia sido afastado do caso, permaneceu como delegado de Furtos e Roubos em Vitória, com seu gabinete contíguo ao de Ildefonso Primo. As investigações então eram sempre dificultadas, porque não havia viaturas e os policiais não queriam colaborar, muito receosos de sofrerem pressões da parte do ex-superintendente da polícia José Gilberto Faria, dos Michelini e do ex-capitão Araújo. Ildefonso também estava temeroso.

— A certa altura surge a figura do deputado Clério Falcão. Ele me procurou, certa madrugada, no hotel Tabajara em Vitória, onde eu morava, dizendo que a Assembleia Legislativa capixaba, por iniciativa do deputado Juarez Martins, estava tramando a cassação do seu mandato sob a alegação de que Clério havia feito um discurso atacando a Revolução. Não era nada disso. Era mais uma pressão, já que Clério acusava frontalmente os Michelini e os Helal do assassinato de Araceli. Eu então redigi um discurso para o Clério pronunciar no dia seguinte na Assembleia, justificando sua atitude. Entreguei a ele documento esclarecendo que tinha provas em torno do crime. Recomendei que na leitura desse documento em plenário ele não declinasse meu nome até autorização superior. Clério acabou distribuindo o documento aos jornais com meu nome e tudo. Quando vi aquilo estourar em Vitória, tomei uma resolução: já que estou no fogo mesmo, vou até o fim. À tarde, Clério solicitava a constituição de uma comissão parlamentar de inquérito para ajudar na elucidação do crime que já escandalizava Vitória e o País. A CPI foi aprovada por unanimidade. Imediatamente fui convidado pelo delegado Ildefonso a prestar declarações no caso Araceli. Foram me tirar na marra do hotel para depor, das oito da manhã até as quatro da tarde. No dia seguinte fui à CPI, onde prestei declarações durante 10 horas dizendo tudo o que sabia e que havia investigado até então.

— Independente disso, frequentava a repartição onde presto serviço regular, a Secretaria da Fazenda. Por isso me surpreendi quando uma tarde recebi um comunicado informando que eu estava respondendo a inquérito por abandono de serviço. Fui ao órgão contestar isso, considerando tudo uma pilhéria, porquanto estava executando os serviços que me eram atribuídos na repartição. Invoquei testemunhos de juizes, oficiais de Justiça e colegas, mas nada adiantou. Meus vencimentos foram congelados durante um ano. Até que o inquérito foi concluído, dando como improcedente a denúncia.

Dona Lola, a mãe de Araceli, que tinha ligações com os assassinos.



Dudu Cabral: "Araceli não é culpada dessa torpeza".

— Em seguida, o sr. Constante Helal, pai de Paulo Helal, apresentou queixa-crime contra mim por causa das revelações que havia feito sobre o assassinato, o mesmo acontecendo da parte de Dante Michelini e Manoel de Araújo. Todos esses inquéritos foram arquivados por inconsistência das denúncias. Essa série de pressões que me levaram a passar fome, aliada à morte de Carlos Eboli ocorrida logo depois em circunstâncias totalmente misteriosas, ao desmoronamento da minha família, além de calúnias, humilhações, ameaças morais, tudo isso visava intimidar-me.

— Eu afirmava que Araceli havia sido iniciada em tóxicos pelos seus próprios assassinos e isso fora em função de declarações da ex-professora de Araceli, dona Marlene Stephanon, segundo as quais certa vez Araceli vomitara no banheiro do colégio São Pedro, especificando os sintomas. Eu estudo o problema dos tóxicos há mais de 15 anos e essa é uma das minhas especialidades. Sei quando uma pessoa está sob efeito de tóxicos e sei perfeitamente os sintomas de uma pessoa iniciada no tóxico. Nas pesquisas desenvolvidas pelo repórter Valério Meinel sobre a morte de Cláudia Lessin Rodrigues, por exemplo, pude dar ao repórter uma boa contribuição sobre o problema dos tóxicos graças a estudos que tenho feito e a um excelente arquivo. Com base nos sintomas apontados pela professora de Araceli, conclui que ela estava sendo iniciada para o tóxico por parte dos componentes da famosa "patota" de viciados da praia do Canto, em Vitória, fato corroborado três anos mais tarde quando da reconstituição do corpo de Araceli pelo Instituto Afrânio Peixoto, no Rio, cujo laudo de causa mortis constatou a ingestão por Araceli de barbitúricos em dose letal.

— Também levantei a questão de que dona Lola pertence ao quadro de traficantes de entorpecentes pelas reiteradas viagens que fazia até pouco tempo atrás, livremente, entre a Bolívia e o Brasil, sem que condição financeira alguma tivesse para isso. Por isso, quando levantei a questão de que Araceli fora iniciada em tóxicos, fato já comprovado tecnicamente, dona Lola me ameaçou de processo, o que não se concretizou até hoje. Acredito que jamais se concretizará porque o tempo está dando a resposta certa, haja visto sua recente prisão por sequestrar uma menor de idade trazida ilegalmente ao Brasil por ela.

Foi em 1974 que Dudu Cabral conheceu o escritor José Louzeiro, em Vitória. Fizeram juntos o roteiro do

livro percorrendo todo o trajeto de morte de Araceli, ouvindo testemunhas e depoimentos que resultaram no livro "Araceli, Meu Amor", proibido pelo Ministério da Justiça por "claras injunções das famílias dos criminosos", conforme afirma também Dudu Cabral.

— Vitória é hoje o exemplo típico de cidade brasileira onde as pessoas que têm dinheiro manobram à vontade e em benefício próprio. É claro que há na cidade pessoas íntegras, mas estas são aliadas do cenário porque buscam a verdade e isso, sistematicamente. Posso dar exemplos, como o promotor Wolmar Bermudes, o juiz Hilton Silly e o corregedor de polícia Waldner Frasson. São homens incorruptíveis e é por eles e por novos fatos que mantenho esperanças de que os criminosos de Araceli e os co-autores do crime sejam condenados. Afinal, cometeram um bárbaro assassinato, exemplo típico de torpeza e da violência de nossa época que tem origem em várias causas de caráter social.

Para Dudu Cabral, não é só o caso Araceli um exemplo disso.

— O caso Ana Lídia, por exemplo, em que os protagonistas são também filhos de pessoas ricas e influentes. Razão pela qual o caso não chega ao final justo. Estes casos sim é que são fantásticos e não da minha lavra, como alguns querem dar a entender, motivados por razões suspeitas. Estes crimes cometidos por gente que tem maior acesso a todos os benefícios da chamada civilização e que agem animallescamente, são da lavra da consciência da família brasileira até hoje revoltada porque a Justiça estranhamente não atinge a tais privilegiados. Mas eu penso como o Eboli, isto é, acho que mais cedo ou mais tarde todos estes crimes acabam sendo desvendados e os criminosos acabam tendo a justiça que merecem.

— No caso Araceli, a verdade surgiu num momento em que todos achavam que estava em banho-maria. De repente, surgiu um repórter disposto a comer o pó da estrada e desvendar o caso, como aconteceu no de Cláudia Lessin Rodrigues, onde também um repórter descobriu a verdade. E assim. A polícia não faz nada, vai um repórter e descobre tudo. Estranho país. E o caso de se perguntar mesmo, que país é este? — repetindo o sempre perplexo Francelino Pereira. Eu, por mim, morro com a cara na lama, mas quero a verdade e por ela percorro o mundo.

— Após Araceli, pego o caso de Ana Lídia junto com o mesmo repórter da "Folha" e vamos descobrir tudo. Vocês duvidam? Vocês vão ver só.

deram certo. Pode ser até que ela tivesse recobrado os sentidos durante sua permanência no Franciscano, já que a cozinheira do bar disse posteriormente que viu gente levando um prato de comida para os fundos do Franciscano, "onde havia uma menina malocada". Não se sabe se essa menina "malocada" era Araceli, ainda.

"Morta a menina, começaram as histórias estranhas e criminosas que objetivaram sempre a ocultação do cadáver e a impedir que a menina fosse identificada. Tiraram a menina do Franciscano e a levaram novamente ao apartamento do edifício Apolo. Chamaram então o papadefuntos da Santa Casa de Vitória (cujo provedor era o pai do Paulo Helal), um homem acostumado a embalsamentos e a lidar com ácido e produtos químicos, de nome Arnaldo Neres. Este colocou a menina numa solução de ácido que a desfigurou externa e internamente. Como se não bastasse, os criminosos ainda trocaram os dentes de Araceli, colocando alguns do lado direito no lado esquerdo e vice-versa, para dar a entender que tudo havia sido feito por um criminoso comum sem instrução e sem recursos financeiros. Alguns dias depois, finalmente, Dantinho e Paulo Helal levaram o desfigurado corpo de Araceli para o matagal atrás do hospital infantil, onde ele foi encontrado no dia 24 de maio de 1973. Essa operação de levar o corpo para o matagal foi presenciada sem querer pelo consertador de fogões Wilson Gomes, que denunciou dias depois o fato a polícia. A polícia, através do então major Tatagiba, não o levou a sério. Posteriormente, Wilson insistiu no assunto, reconhecendo que os que haviam levado e jogado o corpo de Araceli no matagal foram Helal e Dantinho. Um depoimento irrefutável. Por causa disso Wilson foi considerado louco, sem se-lo absolutamente e vítima de perseguições e ameaças, confirmadas inclusive por sua mãe.

"Logo no dia seguinte ao desaparecimento da menor, carros da família Michelini já circulavam em Vitória "tentando ajudar na localização de Araceli", uma forma de despistar qualquer ação policial séria e de evitar suspeitas sobre elementos da família. Paralelamente, as provas começaram a ser destruídas e para isso trabalhava junto com a polícia o sr. Dante de Barros Michelini, com carteirinha de polícia e tudo, devidamente acobertado

por seus dois inseparáveis amigos, o ex-capitão Manoel de Araújo e o ex-Superintendente de Polícia José Gilberto Faria. Além disso começaram as ameaças e pressões sobre testemunhas válidas e pessoas que queriam a verdade a todo custo. Muitas se intimidaram, outras prosseguiram, outras foram literalmente silenciadas através de desastres estranhos e assassinatos puros e simples, a exemplo de Fortunato Picin, que morreu com uma injeção de Valium-10 dada erradamente pelo médico Jefferson de Aguiar dentro da Santa Casa de Vitória (e Picin sabia de tudo e fatalmente iria contar o que havia acontecido com a menina). A exemplo do sargento Homero, que havia descoberto toda a trama, silenciado por dois policiais — Waldemar e Jair — com a culpa recaindo sobre o bandido Boca Negra. Este começou a falar a verdade e também foi assassinado dentro da prisão por um homossexual a serviço de Araújo e Gilberto Faria.

Enquanto isso tudo acontecia, dona Lola, mãe de Araceli — por intermédio da qual Araceli era conhecida de seus assassinos — mantinha silêncio absoluto, não admitindo que a filha estivesse morta. Torturada pelo remorso, Lola acabou confessando suas ligações com os Michelini em dezembro último em depoimento para a "Folha", quando se viu presa em Vitória por estar sequestrando uma menor de idade que havia trazido ilegalmente da Bolívia para o Brasil. Também para isto o repórter da "Folha" teve que denunciar dona Lola ao Juizado e insistir que se a menor não fosse socorrida, fatalmente ela morreria por causa das sevícias praticadas por dona Lola. A confissão dada ao repórter Carlos Alberto Luppi, foi por mim presenciada tão logo se viu presa e abandonada por todos os que sempre tentaram protegê-la para que nada revelasse e também por medo de ser envolvida no crime, mesmo indiretamente. Agora recentemente, o pai de Araceli, Gabriel Crespo Sanchez, que também durante todos estes anos manteve silêncio por se ver "incapaz de lutar contra a máfia dos que têm dinheiro e têm poder e que tudo tentaram esconder", foi por mim e pelo repórter localizado, revelando a cumplicidade da mãe no assassinato da menor. O crime está desvendado após cinco anos e meio de trabalho duro para que a verdade surgisse. Agora, a Justiça deve ter a palavra diante das evidências".

DESAPARECIDA



ARRACELI CABREIRA CRESPO, 8 anos, desenvolvida, desapareceu sexta-feira, dia 18, às 16:30hs, quando regressava do Colégio São Pedro, Rua General Camargo, Praia da Sua, para sua residência no Bairro de Fátima. Seu transporte seria o ônibus da Viação Penedo. Seu ponto de embarque seria a esquina da Ferreira Coelho com Cezar Hilal.

Trava vestindo azul com blusa interna xadrezinho azul com fundo branco, de manga, com as iniciais SD, na parte em vermelha e foi vista com uma mulher loura na praça de Vitória.

Qualquer informação, para os telefones:

7-0118, 7-0992, 2-3300, 7-0994 e 7-0993

A BAHIA E A CHINA

A barbearia Tambaú, de Raimundo Sousa Araújo, localizada no aprazível bairro da Pituba e especializada em corte de cabelo masculino e feminino, reúne amplo foro de debates entre os cidadãos mais informados da coletividade pitubana, inclusive pescadores, técnicos de futebol aposentados, motoristas de táxi e o pessoal que vive no boteco de Junto, procurando esquecer. Normalmente, eu fico no boteco, mas ontem fui cortar o cabelo, havendo uma discussão política no momento, entre o próprio Raimundo, o gari Julio Cabeça Reta — que fazia uma pequena pausa entre seus múltiplos afazeres —, o fiscal de rendas Antônio Memé (aposentado, assim chamado de Memé porque já criou umas cabras e conversava com todas, fazendo mémé), o médico da clínica da avenida Manoel Dias que todo mundo chama Dr. Beto, e mais Luis Lazer, que o povo diz que é transeiro de fumo, mas deve ser calúnia, um rapaz tão respeitador. Quando eu entrei, dr. Beto, que estava fazendo a barba, reclamava de Raimundo.

— Raimundo, não discuta sobre a China com a navalha no meu gogó — disse dr. Beto. — Você já ouviu falar de fu-man-chu?

— Conheço — disse Cabeça Reta, que tinha acabado de filar um cigarro e estava soprando nuvens para o alto, como só quem não tem dinheiro para comprar cigarro sabe fazer. — Jogador irregular.

— Não é esse fu-man-chu — disse Raimundo como grande paciência e tirando a navalha do gogó de dr. Beto. — É fu-man-chu-i-lai, que era isto, mas morreu e deixou a China na mão de outros, inclusive porque Maotestungue também morreu. Estou certo ou errado, doutor?

— Não toque no bigode — disse dr. Beto. — E não discuta sobre a China com a navalha no meu gogó.

— Posso não ser doutor — disse Raimundo — mas ninguém me enrola.

— Não enrolo nada, não enrolo nada — disse Luis Lazer, que até agora parecera dormir. — Sou inocente!



— É um inocente como todo o povo brasileiro — gritou Memé, ficando apoplético mais uma vez. Ele gosta de ficar apoplético, porque a mulher dele se assusta e manda que ele tome umas coisinhas no boteco, que é para afinar o sangue.

— Raimundo, não responda a isto sem tirar a navalha do meu gogó — disse dr. Beto.

— Por exemplo! — berrou Memé, certamente esperando que a mulher, que estava no apartamento deles, em cima da barbearia, ouvisse e mandasse duas de dez para tomar uma genebrinha. — Por exemplo! A única diferença entre a Rússia e a China é que na Rússia você só pode tomar Pepsi-Cola, e na China só pode tomar Coca-Cola!

— Como é? — disse Raimundo, sem tirar a navalha do gogó de dr. Beto.

— Raimundo — disse dr. Beto.

— Eu pensei que a diferença do chinês para o russo é que na China tinha mais chinês e na Rússia tinha mais russo — disse Cabeça Reta, fumando de maneira quase obscena. — Você veja o que não faz o americano.

— Então a China — vociferou Memé — A China! Chinês tomando Coca-Cola!

— Coca-Cola faz mal a chinês? — perguntou Cabeça Reta. — Eu ouvi dizer que as chinesas... deve ser falta de Coca-Cola. É verdade que Coca-Cola tem vitamina igual a banana?

— Ignorância! — bradou Raimundo. — Ignorância! Você não sabe que Coca-Cola é feita com base no chiclete e so ganhou fama porque o presidente rolzivelte não conseguia arrotar e com Coca-Cola ele arrotava?

— Raimundo — disse dr. Beto — não discuta Coca-Cola com a navalha no meu gogó.

— Estou certo ou estou errado? perguntou Raimundo ao doutor.

— Mais ou menos — disse dr. Beto.

— Quer dizer que mais ou menos eu também estou certo — disse Cabeça Reta.

— Coca-Cola na China! — rugiu Memé, provavelmente preocupado com a possibilidade de dona Adulceleda, sua mulher, não ter ouvido que ele estava apoplético. — Em breve todo o universo estará afogado em Coca-Cola e cada um com um hot-dog enfiado em cada orelha! E um hot-dog enfiado na boca e no umbigo! E um hot-dog...

— Doutor, oi, oi — falou Raimundo, apontando para o cartaz que diz claramente "ambiente familiar".

— Pepsi na Rússia e Coca na China — resmungou Memé, que já vira a empregada chegando, com uma de cinquenta na mão, que dona Adulceleda mandou.

— Nada de Coca. Nada de Coca — disse Luis Lazer, acordando outra vez. — Nada em cima.

— Raimundo — disse dr. Beto. — Não imponha a ordem na sua barbearia com a navalha no meu gogó.

— Eu sei por que seu Memé fica assim retado — disse Cabeça Reta, apagando o cigarro na sola da alpercata e guardando o toco atrás da orelha.

— Fale, ignorância — disse Raimundo.

— É porque não tem ninguém tomando guaraná — disse Cabeça Reta.

João Ubaldo Ribeiro

APONTAMENTOS PARA UM POEMA

Os esqueletos dos armários estalam os dedos no silêncio da noite.

RELENDO

Relendo o que escrevi acima, vejo que é uma cena onde faltam ruídos, como no mundo do feliz e silencioso das telas pintadas, onde tudo é somente forma e colorido. Também não pode ser uma impressão de veraneio, pois o que estraga um veraneio são os outros veranistas. Uma reminiscência das tardes do princípio do século? A verdade, mesmo, é que escrevi no tumulto da sala da redação, literalmente sacudida pelo fragor da rua. Tão simples... é só te abrigares dentro da cápsula de um poema, a qual não está localizada neste mundo, mas apenas no mundo interior.

MITOLOGIA

O fumo do meu cachimbo — pesado de meus cuidados — escureceu o azul da tarde. Mas no outro lado do rio, da chaminé de tua casa, uma por uma, sem parar, iam brotando as estrelas.

LIMITES DA IMAGINAÇÃO

Mas se há doentes imaginários, por que não poderá haver são imaginários?

VERÃO

Está marcando meio-dia nos olhos dos gatos. Há um poelrume entre o céu e a terra. A gente não sabe se está na Terra ou no planeta Marte. O deserto é o mesmo... em todo caso, como se está longe do mundo!

Criança, dizem,
é o assunto deste ano
da graça de 1979.
Criança que o mundo
inteiro vai
homenagear
sem muito amor,
sem muito brincar.
Talvez até
com certo constrangimento.
Afinal, nem todas
cabem no sonho
de uma campanha.
São miseráveis demais,
são exploradas demais.
Tiram mesmo a graça
da filantropia.
Vejam só

Rui Veiga

Fotos Cristina Villares



SALVE O ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

EPISÓDIO 1: MARCELO

A favela da Vila Prudente é a maior de São Paulo. Três mil e duzentos barracos espalhados numa área de pouco mais de 100 mil metros quadrados. Entre um lote de barraco e outro, estão os caminhos, sim, caminhos internos, pois não há outra forma de denominação dos espaços existentes entre as casas de madeira, alguns tijolos e cimento... Bem longe do barracão interpretado por Sérgio Ricardo no seu "Zelão"... As vielas cheiram a tudo e a nada: enxofre, água podre e parada, que escorre dos barracos, restos em decomposição. E a cor! Não há. Azul, verde musgo, marrom, preto, cinza, qualquer cor, qualquer coisa...

Lá moram: João, 42 anos; Maria das Dores, 27 anos; Manuel, 20 anos; Cristina, 16 anos; Eliana... nomes comuns e correntes, nada diferem daqueles ouvidos no dia-a-dia. João trabalha com sacaria, Maria das Dores é doméstica, Cristina também. Manuel está desempregado há seis meses e, já ganhou duas detenções nas ruas de São Paulo. Eliana é prostituta. Perspectivas e imagens daquilo que se pode chamar "futuro" dentro de uma favela.

São duas da tarde. Dia de semana comum. Os homens em casa, ou no bar da esquina ou nas biroschas da favela. As mulheres trabalhando. As crianças maiores também. As menores ficam em casa cuidando do que é possível. Por aqui

e por ali moscas em enxames pousam ameaçadoras no lixo e na comida.

Entrando pela Rua C, ao fundo à direita da favela, quase uns trinta metros depois da Loja de Fotografia Bela Vista ("Fotos 3x4, 2x2 e otroz a gozto") do Jorge Italiano, está a casa de Conceição Rodrigues de Castro, casada e separada três vezes, oito filhos. O mais velho, Ezequiel, de onze anos, trabalha numa loja de ferragens como office-boy. O menor Marcelo, de três anos. Cor de pele negra, cabelos cacheados. Sem camisa ele dorme no único quarto do barraco.

Entrar no barraco de Conceição é deparar-se com nada mais que dois cômodos num total de 24 metros quadrados. No primeiro, ao lado do fogão, está a cama de Marcelo. Sua respiração é forte, que faz inflar e desinflar sua barriguinha gorda, disforme. Esquistossomose. Marcelo é um dos 800 mil moradores de São Paulo afetados pela doença, que segundo o Departamento de Migração do Estado atinge 14,1% da população paulista. E as crianças são os alvos preferidos pela enfermidade. Marcelo é um desses alvos.

Com muito esforço ele acorda, chacoalhado pelo irmão Abel. Resmunga um pouco, mas vai abrindo os olhos. A temperatura dentro do barraco deve ser uns cinco graus mais elevada que a de fora. O calor é muito forte, uns 35,0 graus. Marcelo transpira por todo o corpo. Continua reclamando e chama pela mãe. Abel ajuda-o a se levantar e diz:

— É engraçado, ele dorme muito. Vive cansado o dia todo. Tem dias que não se aguenta de pé.

A criança, de três anos, tem um dia agitado, que aliado à esquistossomose são as causas de seu constante cansaço. Levanta às cinco da manhã, na mesma hora que sua mãe. Ajuda-a, juntamente com seus irmãos, a ir buscar água numa das oito bicas existentes na favela. Não importa com que tempo; a água tem que ser trazida! Do barraco à bica são duzentos metros. A espera na longa fila é de meia hora no mínimo. E Marcelo vai e volta carregando um litro de água por vez. Percorre descalço, pisando na lama e nas velas dos caminhos. Faz o trajeto de casa para a bica e da bica para casa, três e quatro vezes ao dia:

— Ele é pequeno, por isso que tem que fazer várias viagens, dizem seus irmãos mais velhos.

Como a maioria dos seus irmãos, Marcelo não poderá ir à escola. O grupo escolar mais perto fica a uma distância de quinze quadras do barraco. E Conceição não tem dinheiro para a condução dos filhos. Por outro lado, todos são obrigados a trabalhar desde cedo. O pai de Marcelo, que também é o mesmo de Carolina, Luci, Emiliano e Gil, não mora mais com eles. Foi embora quando Marcelo nasceu. O pai de Ezequiel, Abel e Eva mora ainda na fa-

vela, só que tem outra mulher e outros filhos. Não os reconhece. Marcelo não faz parte da contabilidade dos brasileiros. Não é um dos cento e vinte milhões. Não tem registro:

Pra que? pergunta a mãe. — Não vai fazer nenhuma falta.

Até as dez horas da manhã, Marcelo está ocupado com a água. E uma responsabilidade forçada pelas circunstâncias. Entre dez e onze horas vai comprar pão na "Venda do Antônio". Suas irmãs, Luci, de oito anos, e Eva, de nove, preparam a comida. Luci tem a mesma cor de pele que Marcelo, negra, cabelo bem pixaim. Eva é mais clara, com traços menos marcantes, corresponderia aquilo que o racismo dos nossos censos oficiais classificam como pardo de pele. A comida, pobre, constitui-se invariavelmente de arroz, feijão preto e farinha de mandioca. Nada mais.

— E almoço e jantar, quando tem os dois. No Natal, a gente come melhor um pouco, porque tem um homem que distribui sacos de comida para nós. E longe daqui. Mas aí tem coisa boa: sopa de pacote, arroz do bom, feijão e até macarrão... explica Abel.

O homem que o menino não consegue dizer quem é, trata-se do senhor deputado Federal Pedro Geraldo Costa, dono das "Cestas de Natal dos Pobres", onde as famílias pobres vão recorrer nos fins de ano. E que nas eleições para deputado tem um cabedal seguro de votos de cabresto para o seu partido (Arena, São Paulo).

Depois do almoço, Marcelo dorme ou brinca um pouco com seus amigos. Brincadeiras simples. Sem brinquedos quase. Seus amigos são poucos, dois ou três no máximo. Um deles, Getúlio, hoje não está podendo brincar: foi mordido por uma ratazana, quando dormia a sesta. Foi tratado com sal e vinagre. A mordida lhe arrancou um pedaço de pele e o deixou com febre a noite toda:

— Não importa. Não é a primeira vez! diz Ana Cristina, sua irmã mais velha de sete anos.

Nas brincadeiras, os perigos são muitos. As fossas estão sempre abertas, ratos andam soltos pelos caminhos e atraídas por estes algumas cobras também já foram vistas pelos moradores. Duas crianças já foram mordidas. Com o sol quente, o cheiro das valas e da água escorrida aumenta e o perigo de uma contaminação também. A difteria e a desidratação fazem parte do cotidiano de Marcelo e seus amigos e irmãos. No início de 1978, Marcelo passou três dias nas Clínicas em tratamento. E no inverno do ano passado foi internado outra vez, quarenta dias. Pneumonia.

— A desidratação é muito comum. Qual foi a criança que não teve?

No final da tarde, quando tem comida, Marcelo janta. Quando não tem vai dormir sem resmungar. Já se acostumou, ao que parece. Se resmunga, um tapa na mão e outro na cara, deixam-no quieto. Também o cansaço o coloca logo no colchão (um amontoado de palhas coberto com um pano rasgado). Não tem cama. O colchão fica direto sobre o chão, que por sua vez é terra batida. Do lado esquerdo do colchão de Marcelo, uma pequena fresta na madeira, que dá para fora da casa, uns quinze centímetros de diâmetro. Do lado de fora, olhando-se pela fresta, novamente a água escorrida de detritos e lodo, e uma outra parede de madeira: a fossa comum usada por três barracos...

Conceição chega do trabalho às oito da noite. Toma dois ônibus, para ir de casa até o trabalho nas Perdizes:

— A noite, nunca vejo meus filhos menores. Marcelo está sempre dormindo, quando eu chego. Ele é pequeno, mas muito preguiçoso. Vive cansado. Quase não falo com ele. Não dá tempo...

Não dá tempo. O tempo é uma palavra sinistra para as crianças de Vila Prudente. Seus pais trabalham longe, saem cedo e chegam tarde. O tempo de serviço é grande, oito horas mais as extras. O salário pequeno, que os fez permanecer mais tempo trabalhando. E as crianças em casa, num tempo de espera.

— Não falo com ele, ainda não aprendeu a falar. Só sabe resmungar coisas que ninguém entende. Não sabe falar mesmo, apesar de ser um homem.

Um homem de três anos!

EPISÓDIO 2.º: MIGUEL

A praça Ramos de Azevedo, uma das mais velhas da cidade, acomoda ou espreme todos os tipos existentes na cidade. Nas escadarias do Teatro Municipal, nos bancos na frente do Mappin. Andando de um lado para outro, pessoas saem do cal-

cação ou entram nele, com a pressa que caracterizou o mito desenvolvimentista: "São Paulo não pode parar". E a pobreza dos desempregados e mendigos. Todos os tipos: empregados de lojas, vendedores ambulantes, funcionárias públicas no lanche das cinco, secretárias, operários vindos da Zona Oeste para fazer a baldeação para suas casas na Zona Sul. E no ar dos gritos:

— "Calça Lee! Calça Levis! E no segundo andar. Pode chegar lá patrão".

São os apelos do consumismo. Que se mesclam com as coloridas vitrinas, cheias de roupas e sapatos, ao som dos discos das lojas, mais apelos à compra.

Num dos bancos, todas as tardes, aparece a figura de Miguel, 11 anos, aparentemente. Pele clara, olhos claros. Cabelo cortado raso, o corte da FEBEM. Sobre o corpo, calça rasgada de brim e camisa listrada, significando passagens pelos recolhimentos de menores, pelos albergues noturnos da cidade, por baixo dos viadutos. Nos pés, nada.

Miguel, onde você vive?

— Por aí. Eu moro onde tenho lugar. De manhã, onde eu acordo eu moro. Vivo de engraxar sapatos, de vender jornais, de qualquer coisa...

Você come?

— Catuco nas latas de lixo. Na casa de hamburger, de vez em quando, eu pego alguma coisa. Resto de algum sanduiche, às vezes de maloneses, às vezes com queijo. De vez em quando alguém me paga uma coxinha ou uma empadinha no bar. E assim...

E teus pais?

— Meu pai eu não conheço. Minha mãe também não o conheceu, eu acho. Ela sempre disse que não sabe quem ele é... Minha mãe está num hospital de loucos, lá para o lado do Bairro do Limão. Faz tempo que eu não vejo. No dia que eles levaram ela para lá, a gente estava num albergue, veio um cara vestido de branco e tirou ela de perto de mim. Gritava muito e disse que ela precisava ir para o hospital. Deram umas porradas e puseram num carro. Faz tempo isso. Foi antes de eu entrar pela terceira vez no recolhimento de menores.

Ele me conta que viviam de esmolas. Durante o dia, catavam papel ou batiam de casa em casa. À noite, dormia em baixo da ponte com a mãe e dois irmãos maiores. Sábado e domingo era tudo igual.

Você vê televisão?

— Vejo. Nas vitrines das lojas. De vez em quando a cor, outras vezes em branco e preto. Vi Roberto Carlos, e a campanha



A favela da Vila Prudente, a maior de São Paulo, com mais de três mil barracos.

da criança... aquela em que as crianças aparecem brincando. Eu nunca brinquei daquele jeito... cada menina!! Nunca tive uma namorada daquelas.

Você sabe que aquela campanha é do Ano Internacional da Criança?

— Sei que é uma campanha e não sei o que é campanha. Isso porque me disseram. Eu vejo a televisão nas vitrines das lojas, e lá não tem som. Eu também não sei ler. Eu só vejo as figuras da televisão.

E o futebol?

— Vi quando a gente invadiu o estádio. De vez em quando a gente, eu e a minha molecada, uns pívets, jogamos numa quebrada debaixo de um viaduto perto da 13 de Maio.

Assim é Miguel. Sem sobrenome. Não sabe quem é, nem quando nasceu. Sua mãe vai ser difícil de ser localizada. "Está longe". Ele gosta dela, menos quando ela batia. Não sabe, se vai ver seus irmãos. Estão no julzado. Da família, não pode

lembrar nada. E a imagem do não, e do desconhecimento. Produto sem perspectiva de uma cidade que cresce. Mariposa do nada.

EPISÓDIO III: CRISTINA

Cristina levanta todos os dias às quatro e meia da manhã. Toma o café e sai. Café: chá mate com bolacha de água e sal ou maizena. A manteiga já foi suprimida. O negócio é margarina. No verão, a coisa é mais fácil: cinco da manhã é dia claro, sente-se menos o frio da água da torneira e pode-se andar com mais facilidades pelos ladrilhos do chão. No inverno o sol ainda não saiu, a coisa fica muito mais difícil:

— Daqui na estação de Guaianazes é um bom pedaço, coisa de seis quadras e a gente tem que passar por um pedaço onde os ladrões se escondem, um lugar lá perto do Jardim do Papai.

O café da manhã às vezes é interrompido no meio. Cristina não pode sair depois das cinco e meia de casa. O trem sai da es-

tação de Guaianazes às quinze para seis. E se ela não o pegar não chega no trabalho, no Brás, às seis e meia. Pelo caminho, lembra das coisas que tem que fazer durante todo o dia: trabalhar das seis e meia às dez e meia. Almoçar até o meio-dia. Tem somente uma hora e meia. Na hora do almoço, deve ir até a Rangel Pestana pagar a prestação do BNH que seu João, o pai, começou a comprar antes de morrer há dois anos atrás. E voltar ao trabalho.

Pela rua Voluntários, ela vai andando e pensando. Na mão direita, a marmitta. Dentro arroz, feijão e carne de panela. De sobremesa, uma laranja e uma banana. Na mão esquerda, a sombrinha... Vai andando e de repente diz:

— O pior de tudo é ter que chegar em casa, à noite. Quando eu saio da fábrica, tenho que ir direto para a escola.

Cristina está na quinta série. Quer ser médica. Hoje é operária da fábrica Souza Cruz. Por que Cristina quer estudar medicina?

— Porque eu quero sair desse inferno que é o cheiro do alcatrão e da nicotina. E um gosto que parece mel azedo. Não sei como a gente aguenta. Volta e meia, tem uma colega minha de trabalho na enfermagem. Quando eu estou menstruada é pior ainda, só de chegar aqui perto do Brás me dá uma azia louca. Tenho vontade de morrer, porque eu penso no dia todo que vou ter que ficar dentro da fábrica.

Passelos só mesmo nos sábados à noite. Não pode ir longe. Os colegas do bairro também são pobres, não podem gastar muito com ela. Paulo, namorado de Cristina, também é operário não especializado. Ganha pouco, Cr\$ 3.200,00. Não dá para casar:

— Eu, com as horas extras que faço na fábrica, ganho mais que ele. Só que tenho que sustentar minha casa. Sou a mais velha. Minha mãe é lavadeira, não ganha quase nada. Meus irmãos, tenho quatro, são todos menores, nenhum deles trabalha. Em casa, a gente vive com o que eu ganho e com o que minha mãe lava de roupa. Meu pai, antes de morrer, estava há seis meses desempregado. Não deixou nada para nós.

Na estação, o trem encosta na plataforma, uma multidão se apinha na porta, o aglomerado é grande. Um desespero para entrar. O destino de todos é a cidade, ou os bairros industriais da Zona Leste. Rostos cansados, já de manhã, rugas em caras novas...

Correndo pela estação vai Cristina, atravessa a bilheteria. Uma mulher, pelas responsabilidades assumidas. Há quatro anos trabalhando. Há dois anos com os encargos da família, que somados aos anos que teve de cuidar dos irmãos menores, dão sua idade real: treze anos.

Chega de exploração

D. Angélico Sândalo
(bispo da Diocese da Zona Leste II de São Paulo)

O Ano Internacional da Criança somente tem sentido e valor se nos lembrar que todos os anos devem ser considerados anos internacionais da criança.

Eu não acredito que campanhas filantrópicas com sentido puramente promocional, ajudem a que resolvamos o problema infantil. O que nós precisamos é de um amplo movimento capaz de criar uma mentalidade nova e estruturas sociais novas, onde a criança possa ser respeitada na sua total complexidade. Totalidade que vai do primeiro minuto de vida e a acompanha em todo seu desenvolvimento.

Não é válido, e acho ridículo que isso aconteça, que a uma criança que nasça no primeiro dia do ano lhe seja concedida uma bolsa de estudos. Isso é caridade. Não leva a nada. Porque enquanto essa criança é premiada, outras milhares nascidas nesta mesma noite não sobreviverão devido ao alto índice de mortalidade infantil que existe no país, graças à fome, à miséria e ao subdesenvolvimento cultural.

Acho ainda mais absurdo e mais ridículo que se conceda uma bolsa de estudos a uma criança, quando o Ano Internacional da Criança, 1979, mais de sete milhões delas não poderão entrar na escola, por causa da insuficiência de vagas no ensino público e das deficiências do nosso sistema educacional.

É muito comum encarar-se o problema infantil com leviandade. A questão deve ser colocada no conjunto de uma sociedade cheia de problemas e falhas, que permitem a exploração do menor. Seja pela falta de uma estrutura educacional adequada. Seja pela fome. Seja pelo trabalho nas idades mais precoces. E agora, alguns querem usar o Ano Internacional da Criança como forma de auto-promoção, ou para fazer grandes campanhas publicitárias pela TV, vendendo anúncios caríssimos e patrocinadores.

Todos esses males, mais a estrutura de injustiça social existente no Brasil, dão a configuração da situação da criança, como ser explorado dentro da sociedade brasileira.

De um lado está a miséria, onde as mães não podem dar o leite materno a seus filhos porque simplesmente não dispõem dele. E do outro a abundância de alguns, que se preocupam mais com seus animais de estimação que com seus filhos.

Dentro disso, temos que mostrar que a criança não vive num contexto isolado, mas está inserida numa sociedade que deixa marcas profundas no comportamento de nós todos. Uma das diretrizes da nossa Pastoral de Direitos Humanos é apresentar os problemas infantis numa sociedade que precisa ser transformada. Precisamos eliminar todas as marcas da injustiça, que estão presentes dentro dessa sociedade e que caracterizam todo um contexto de exploração.

Chega de explorações. Chega de miséria. A solução do problema infantil somente permite um tratamento global, visando uma sociedade sem injustiças sociais. E não de uma sociedade que engana os demais com filantropias e mesquinhas que só escondem a situação real.



APOCALIPSE AMAZONENSE

A Amazônia começou a acabar quando o colonizador português chegou lá, vendeu todo o pau-brasil e deu início ao massacre da cultura indígena. O desmatamento continuou nesses quatro séculos, e se intensificou mais recentemente com a abertura de estradas. Agora é o apocalipse: anuncia-se que a floresta será posta à venda pelos chamados contratos de risco, enquanto o projeto de emancipação do índio ameaça a integridade das terras indígenas. O que será do planeta sem a Amazônia? Essa dramática questão é discutida aqui pelo dramaturgo amazonense Márcio Souza, criador do Tesc (Teatro Experimental do Sesc), um dos movimentos culturais mais importantes da região. Aliado da cultura indígena, o Tesc acaba de completar 10 anos de atividade.

Milton Hatoum

Folhetim — Antes de falarmos sobre a produção cultural no Amazonas e o teatro do Sesc de Manaus, vamos conversar um pouco sobre um outro espetáculo, uma tragédia que deram o pomposo nome de "Contratos de Utilização Florestal com referência especial à Amazônia Brasileira". Como você vê essa atenção especial do governo em relação à floresta Amazônica?

MARCIO SOUZA — O que eu acho curioso é que essa proposta de abertura — da selva, a bem dizer — para contratos de risco encerra um cunho apocalíptico, como tudo, aliás, que se refere à Amazônia. Por outro lado, acho que a sandice apocalíptica deste país corresponde ao fechamento de um ciclo vital da economia brasileira. Quer dizer, é um país que começou vendendo pau-brasil e agora se despede, se desveste como nação, vendendo os restos dos paus que ele tinha, né? Começamos vendendo a floresta logo que o colonizador português chegou aqui e espoliou inteiramente as matas de pau-brasil. Não contente com isso, o neocolonizador vai agora vender todas as árvores, apesar dos desmentidos oficiais e todas as notícias que se contradizem sobre esse assunto.

Folhetim — Mas, entre declarações oficiais e desmentidos não menos oficiais, a Amazônia vai sendo devastada...

MARCIO — É claro, o próprio IBDF, por exemplo, em relatórios oficiais, já tinha reconhecido, até 1976, o desmatamento de 4 milhões de hectares! Certos candidatos a estadistas andaram declarando que "ela é muito grande e portanto pode perfeitamente suportar um desmatamento". Pois bem, mesmo essa área de 4 milhões de hectares já representa uma perda irreparável do ponto de vista científico, isto é, da própria sobrevivência de grande número de espécimes que nunca foram catalogados pela ciência. Sem contar o ecossistema inteiro, que também permite a sobrevivência desde micro-organismos até seres mais organizados da fauna, flora e que também são desconhecidos. Você sabe que os cientistas lá do INPA, em Manaus, fazem até brincadeiras sobre isso. Eles saem para um piquenique nos arredores de Manaus e, entre um e outro mergulho nos igarapés, eles acabam descobrindo espécimes que nunca tinham sido catalogados. Basta sair uns 20 km do perímetro urbano, para daí encontrar gramíneas e arbustos que não estavam classificados. Eles então batizam essas plantas com os nomes das pessoas do piquenique, latinizando esses nomes. Um outro aspecto que deve ser considerado é que essa abertura de áreas florestais para exploração comercial não é um projeto novo. A selva da Indonésia, por exemplo, também tinha, como a Amazônia, uma das áreas verdes mais ricas e desconhecidas do mundo. E faz mais ou menos uns trinta anos que o governo da Indonésia resolveu abrir sua floresta para

exploração. É claro que na Indonésia o governo não teve o cinismo de chamar de "contrato de risco", pois eles sabiam que quem corre o risco mesmo é o país e seu povo, e não quem explora. Então, resolveram chamar simplesmente de contratos comerciais para exploração de madeira. O resultado dessa façanha é que hoje a floresta da Indonésia sumiu do mapa.

Folhetim — Agora, essa estória de o IBDF afirmar que vai impor leis de reflorestamento, com essências da própria área desmatada, parece que não convence muito. Já existem generosas áreas que foram desmatadas e que hoje estão cobertas por eucaliptos. No baixo Rio Negro, perto de Novo Airão, é um exemplo.

MARCIO — E esse eucalipto mata totalmente o ecossistema. Você não encontra um único passarinho cantando...

Folhetim — São os bosques tristes da Amazônia. E o que você acha da "viabilidade econômica" do desmatamento, tão proclamada por eminentes tecnocratas?

MARCIO — É uma outra grande falácia. Mesmo existindo um projeto econômico, essa proposta de desmatamento continua sendo completamente louca. Por exemplo, a grande discussão agora diz respeito à tentativa de rápido aproveitamento da floresta que vai ser inundada pela hidrelétrica de Tucuruí, no Pará. Bom, em primeiro lugar, os índios que existem naquela área deverão se

afogar, juntamente com alguns núcleos urbanos que sobrevivem desde a época da borracha. E além disso, mesmo nessa área, também considerada pequena em relação à região, não se tem conhecimento dos tipos de plantas e animais que existem por ali. Por outro lado, sabe-se que as entidades internacionais que trabalham com o comércio de madeira publicam anualmente uma espécie de manual para as firmas que fazem prospecção e colheita de madeira nas áreas florestais do mundo. Eu consultei algumas pessoas especializadas, sobre o manual publicado em 76, e conclui que não tinha mais que trinta tipos diferentes de madeira oriundos da Amazônia. Quer dizer, os "contratadores de risco" exploram 30 tipos de árvores e

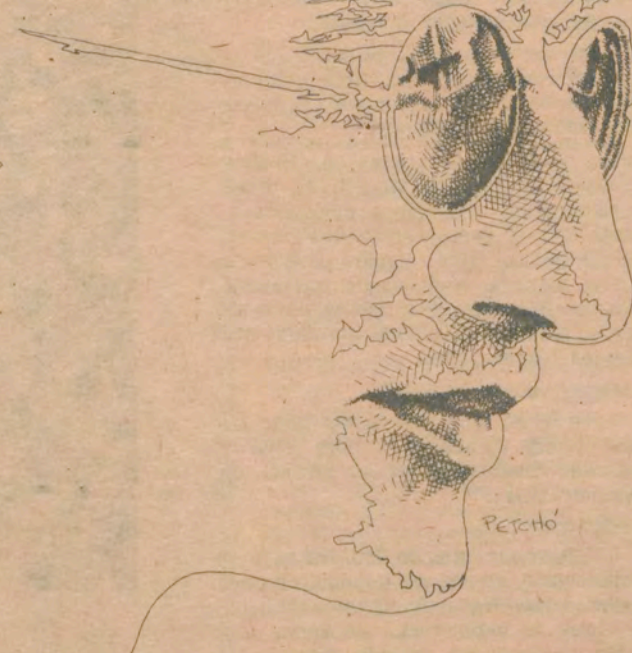


Foto Milton Hatoum

"A elite da Amazônia não se pode dar ao luxo de liberaisismos, porque pode acontecer um desbarrancamento social"

exterminam uma selva com milhares de tipos diferentes! Isso significa, do ponto de vista econômico, uma perfeita combinação de burrice com insanidade. E a forma mais monstruosa e burra de capitalismo que se pretende implantar. E mesmo essa madeira, digamos, selecionada na selva, levaria uma geração inteira para reunir e levantar um total de dólares aproximado da atual dívida externa do país. Se continuar assim, é provável que na próxima década eles estarão abrindo contrato de risco pra nuvens, querubins e outros anjos, porque a selva só acho que não vai dar. Na verdade, tudo isso revela um interesse muito mais imediatista e condizente com a velha jogada dos mais corruptos governos latino-americanos. E, se na aparência, essa proposta se destina aos interesses nacionais, como revela o discurso oficial, na realidade ela tem a conotação de desfrute pessoal para os que detêm o Poder. Como, aliás, vem ocorrendo nos últimos 14 anos.

Há uma perfeita coerência, que já vem mesmo antes de 64, que tem como ponto de partida a abertura das estradas e que, ao longo de rápido processo de ocupação, culminou com o leilão da floresta Amazônica. Seria inclusive conveniente verificar, no caso dos contratos de risco, quais as áreas que serão abertas para a exploração da madeira. Imagino que, "por obra do acaso", deverão coincidir com áreas que estão nas mãos das grandes empresas. É incrível como tudo na Amazônia já está ocupado. Mesmo na própria cidade de Manaus o Estado possui poucas áreas. E um dos últimos quadros que faltavam para compor o mosaico é o projeto de emancipação do índio, que está profundamente vinculado com o contrato de utilização florestal. No momento em que se aliena a terra do índio do controle estatal, e no momento em que as áreas do contrato de risco coincidem com terras indígenas, aí então não haverá por parte do aparelho do Estado uma tutela que permita a integridade das terras do índio. Aliás, o esforço da civilização ocidental, no sentido da ocupação histórica da Amazônia, se desdobra em dois grandes vetores de interesse: a apropriação da mão-de-obra indígena e posteriormente cabocla, e simultaneamente a extração de matéria-prima.

Folhetim — Do ponto de vista histórico, esse processo de ocupação da região pelo colonizador, o que se verifica é que a Amazônia periodicamente é acionada para amenizar ou abafar agudas crises econômicas. Um exemplo foi a superatenção em que a região foi tratada pelos portugueses no século XVIII.

MARCIO — Só que há aí uma ressalva a fazer. Os portugueses, no século XVIII, tinham um pouco mais de visão, pois quando eles tentaram implantar a racio-

nalidade do sistema mercantilista, antes de realizar qualquer projeto de vulto, eles queriam — mas não conseguiram, devido às mudanças do processo político mundial — realizar um levantamento sistemático da Amazônia, dentro do que havia de mais abrangente na ciência da época. E hoje o material coletado pelos naturalistas do Iluminismo português ainda é, passados todos esses séculos, um dos pontos básicos do conhecimento regional. A diferença mais grave, como já falei antes, é que atualmente não se procura esse conhecimento, pois é prioritário desmatar, para depois saber o que se desmatou. Acontece que tudo isso tá ligado às condições de dependência econômica do Brasil. Para um País periférico como o nosso, onde o capital estrangeiro está presente até nas entranhas da nossa pele, realmente não importa para o Governo comprometido com as multinacionais, investir num levantamento sistemático dos recursos florestais.

Folhetim — Como a civilização ocidental e as comunidades indígenas se relacionaram durante os primeiros momentos da colonização?

MARCIO — O processo de ocupação da região passou por vários estágios. Na verdade, quando a civilização ocidental chegou na Amazônia, esta já contava com um processo civilizatório, um amálgama de diversas culturas e sociedades já existentes. A Amazônia já tinha, então, uma proposta de vida quando o branco chegou no século XVI. Ela já existia como uma sociedade que estava se desenvolvendo. Eu acho muito importante a gente reconhecer isto, pra não cairmos na velha e desgastada fórmula evolucionista, que é considerar o processo da civilização como um puro avanço. É claro que a chegada das formas de capitalismo avançado é um índice de modernidade que permite um novo salto histórico. Agora, para o domínio da região, a presença do colonizador realizou a desmontagem da proposta nativa de vida. Uma desmontagem à base da repressão e do massacre dos povos que lá já tinham se instalado milenarmente. Mas essa constante presença do branco foi incapaz de levar adiante o projeto de colonização da área, não apenas por causa da debilidade do sistema mercantilista, mas também em virtude das transformações que estavam ocorrendo no mundo. Ora, enquanto a Amazônia ficou fora da divisão internacional do trabalho, esse encontro das sociedades tribais com o colonialismo foi violento. No entanto, houve uma série de interações sociais importantes nesses duzentos anos. Os brancos expropriavam tecnologia dos índios e os índios, por sua vez, mantinham uma certa resistência, e desenvolviam paralelamente o seu processo social e econômico. Tanto que em várias ocasiões os índios alimentaram o sistema colonial. Pois a gente sabe que

tudo o processo de produção agrícola, de excedente utilizado pela sociedade regional, era produzido pelo índio.

Folhetim — Havia uma espécie de "coexistência" entre a cultura regional e a do colonizador?

MARCIO — Sem dúvida. Se a gente der uma olhada nos cronistas dessa época, é fácil notar o assombro deles ao constatarem que aqueles brancos se deixavam corromper pela cultura indígena. Eles ficavam horrorizados com esses brancos que de repente começam a falar nhengatu no lugar do português, que já não pensam quatro cunhantãs para embalar na rede, e que comem todos os peixes e tomam banho cinco vezes por dia. E isso era um escândalo para o português, porque pra tomar tanto banho assim só índio, né? Essa interação surge com uma certa contradição dentro dela e se expressa com bastante força durante a Cabanagem, que significou o último estertor da Amazônia tradicional, indígena.

Folhetim — A rebelião da Cabanagem, por volta de 1830, além de ter sido um movimento de resistência do povo amazônico frente ao domínio do colonizador, não foi também um marco, uma espécie de ponto de partida para se implantar uma cultura de resistência?

MARCIO — Sim, porque é durante a Cabanagem que se definem todas as contradições regionais, e onde também estão esboçadas as classes sociais e as culturas que estarão permanentemente em choque na sociedade regional. E ainda durante a Cabanagem que vai ser definido um projeto de contradições — porque a partir daí não vamos mais encontrar um projeto unitário para a região — no plano da produção e das aspirações culturais da Amazônia. E na medida que o processo revolucionário da Cabanagem vai se radicalizando, ocorre uma participação crescente das camadas mais baixas da sociedade regional, do século 19. Quer dizer, a rebelião se iniciou com os proprietários e burgueses de Belém, e aos poucos foi se transformando numa rebelião puramente indígena.

Quando se fala num projeto cultural para a Amazônia, é necessário que a gente considere não apenas o conteúdo político desse projeto, mas também as aspirações do seu povo enquanto identidade, enquanto nação. E em nenhum momento surgiu a aspiração de criar na Amazônia um país que fracionasse o Brasil. Isso eu acho muito estranho porque a administração colonial sempre tratou a Amazônia separadamente. Uma região que teve, inclusive, uma administração diferente do resto do Brasil, e que ficou desmembrada dele até a Revolução Constitucionalista do Porto, em 1812.

Folhetim — Uma forma de isolamento político que, embora velado algumas vezes, sempre foi intencional.

MARCIO — Por parte do invasor português sempre houve o objetivo explícito

de conservar a região distante, desgarrada, ilhada. E mesmo isolada, ela não chegou a gerar um sentimento nacional, já que os índios não tiveram, não têm e nem virão a ter qualquer consciência nacional. Eles têm uma consciência simplesmente comunitária, e nesse aspecto os índios são uns comunistas... primitivos, bem entendido. Não vão agora tentar exterminar as últimas tribos indígenas só porque são comunistas! Mas como eles são integrados numa sociedade de produção socializada, eles não possuem essa concepção de nação, enquanto dona de seu território, porque a terra, a árvore e a água servem ao coletivo.

Folhetim — Do ponto de vista da resistência cultural, a Cabanagem parece que foi um exemplo concreto de tentativa do índio de fixar sua soberania.

MARCIO — Acredito que sim, embora seja ainda um pouco difícil a gente chegar a uma ideia conclusiva sobre a resistência cultural de toda essa época. Porque a maioria dos dados da história regional foi delineada pela classe dominante, ou seja, a produção cultural é feita para garantir a ordem estabelecida. A chamada cultura erudita quase sempre foi inteiramente conivente, favorável e gerada para explicar a dominação do colonizador. A não ser alguns transfugas dessa situação, todos aqueles que se aliaram à resistência dos índios não conseguiram realizar o trabalho de tirar essa resistência da clandestinidade. Aliás, é bom frisar que a verdadeira cultura da Amazônia — encontra-se hoje na clandestinidade. A cultura da Amazônia está isolada do país desde 1832, quando começou a repressão ao movimento dos Cabanos, e desde então o povo foi relegado ao mais terrível obscurantismo.

Folhetim — Qualquer trabalho que seja crítico, que levante problemas sobre a realidade da região pode ser então, facilmente desarticulado?

MARCIO — É bastante difícil na Província um trabalho crítico se tornar consistente ou mesmo se manter durante algum tempo. É que na Amazônia acontece uma coisa interessante e que se diferencia bastante das metrópoles do Sul. A elite, por exemplo, não se pode dar ao luxo de liberalismo, porque no momento que ela permitir qualquer petulância da classe mais expiada, ou mesmo qualquer crítica violenta, pode acontecer um total desbarrancamento da sociedade. Isso porque a racionalidade do extrativismo é o poder político, o Estado, e não o mercado; enquanto que o fator abundante não é o produto, mas a mão-de-obra. Daí decorre esse cuidado melindroso das elites em relação à classe trabalhadora, para que esta não mostre qualquer sinal de resistência e inconformismo. Essa situação se rebate inclusive no comportamento da classe dominante local, em relação ao regime instalado pós 64. Dentre todas as elites brasileiras, foi certamente a da Amazônia a que mais louvou o sistema, embora tenha sido a mais prejudicada por ele.

Folhetim — Há um dramaturgo e poeta amazonense, o Tenreiro Aranha, cujo trabalho é importantíssimo no quadro da cultura regional, e que expressa uma síntese desses problemas relacionados com uma atuação crítica numa sociedade fechada.

MARCIO — Tenreiro Aranha acho que foi o primeiro amazonense, um nosso irmão, que fez um trabalho artístico e viveu todas as contradições que a gente tem vivido. Ele era filho de portugueses, ficou órfão cedo e foi tutelado por um frade, além de ter convivido com índios durante toda sua infância. Foi uma pessoa que guardou um rancor muito grande da sociedade colonial, porque, apesar de ser branco, sofria uma grande discriminação social pelo simples fato de ser pobre e nativo. Ele vivia uma situação de conflito e ambiguidade: quer dizer, ele procurava se aliar ao poder, ao mesmo tempo que bebia o leite nativo. Agora, em relação ao seu trabalho, mais que um poeta, ele foi um dramaturgo, mesmo porque o teatro na Amazônia seguiu uma das tradições mais ricas da história do teatro, que é a da agitação política. E o teatro de Tenreiro Aranha segue essa trilha, pois não é um teatro que tem personagens, mas sim ideias se desenvolvendo em cenas. Os textos são extremamente circunstanciais, e há inclusive um grande diálogo político na peça "A Riqueza do Brasil", que aborda problemas sobre a situação política do continente; e é nesta peça que o Brasil e Amazônia aparecem como personagens. Ao mesmo tempo que sua obra era com-



“Quando o branco chegou, a Amazônia já tinha uma proposta de vida. Hoje a cultura do povo está na clandestinidade”.

bativa, ele como pessoa era um conservador, pois tinha que segurar o emprego, enfim, esses problemas todos de querer se dedicar a um trabalho artístico.

Esse problema das contradições internas que o artista enfrenta — acho que está bastante ligado à estrutura de classes da região. O que acontece é que os artistas que atuam abertamente, ou estão passeando nos corredores do poder, ou estão num circuito completamente marginal. E aí há um fato importante: é que a classe média na Amazônia não tem realmente o mesmo peso que a classe média sulista, que sempre foi um setor mais modernizado da sociedade brasileira. Só agora, com a zona franca, é que ela se engrossa e se compõe com um pouco mais de força, como consequência da modernização de Manaus. Da minha geração, por exemplo, o único artista que veio da classe trabalhadora foi o Haneman Bacelar, que acabou se suicidando. Teve na morte o destino trágico. Agora, uma classe média sendo frágil, ela ingressa facilmente na velha ideologia do favor. Assim, o artista se torna aquele cara que, para sobreviver, tem que ser uma espécie de vereador, e o máximo de pensamento radical que ele expressa é satirizar a festa do Rio Negro Clube, ou, quando tá de porre, falar mal da Academia Amazonense de Letras. Se ele ultrapassar esses limites proibidos, é imediatamente reprimido.

Folhetim — E banido inteiramente do painel social, o que na província equivale a viver no exílio do exílio...

Márcio — Nem sequer arranja mais trabalho, e vai ter que emigrar.

Folhetim — No meio de tantas dificuldades para se fazer um trabalho cultural consistente, como é que se coloca a atuação do grupo de teatro do Tesc?

Márcio — Bom, a nossa primeira preocupação foi mostrar que trabalho artístico não é uma questão de faixa etária. Ou seja, acabar com essa estória de dizer que a pessoa é poeta quando adolescente e, depois que fica adulto, esquece. Como se fosse sarampo ou doença venérea que, com o passar do tempo, acaba sendo curado. O teatro na Província também funciona assim. Muitas pessoas de magistratura amazonense foram homens de teatro quando eram jovens da Faculdade de Direito. Hoje, já não pensam mais em teatro, porque, imagine, um magistrado entrar num palco representando um travesti... Então, além dessa conquista, que é provar que teatro não se liga a faixa etária, o Tesc provou também que pode e deve ser feito um trabalho artístico-crítico na Província. E um dos golpes do Tesc à classe dominante foi o fato de que a gente se aliou à cultura indígena, e pegamos a cultura do Rio Negro e colocamos no Teatro Amazonas. Isso tudo tem sido muito bom, porque numa sociedade de tradição extrativista e, portanto, extremamente repressiva, eu acho que a forma de arte que mais se adapta pra combater esse autoritarismo, esse sufoco violento, é o teatro; mesmo porque nenhuma outra forma de arte conseguiu sobreviver a brutais repressões ao longo da história quanto o teatro. Conseguiu, inclusive, sobreviver durante toda a Idade Média, quando surgiu a comédia popular, cheia de desmascaramento e vibração.

Há ainda um outro aspecto importante em relação ao teatro na Amazônia: é a sua oralidade. Uma região onde a cultura é a palavra oralizada, a utilização dos sons, dos fonemas, das vogais e das idéias articuladas através das palavras, e do corpo que impulsiona essa oralidade. E o corpo é o livro aberto da Amazônia. Por que nele estão inscritas as leis das sociedades primitivas.

Folhetim — Acho que há nisso uma espécie de busca às raízes, de algo fora do tempo, fora da História, não é?

Márcio — Fora do Ocidente, principalmente. É que tudo isso aponta para a tradição original do teatro, que surge como a encenação do mito, a sua celebração. E esse fenômeno não se verifica somente na Grécia, mas também nas culturas indígenas que trabalham muito com a mitologia. Agora, do ponto de vista da cultura estabelecida, o teatro representa a manifestação mais elevada de sofisticação. Tanto que, durante o ciclo da borracha, no início do século atual, os coronéis de barranco mostraram sua opulência construindo um teatro e não uma catedral. Ou seja, a Catedral de Notre Dame, em Manaus, é o Teatro Amazonas. Então, aí tu podes notar o seguinte: a cultura popular, o teatro tem



“Para a Amazônia sobreviver precisamos juntar os cacos da história do povo, que foi esfacelada pelo colonizador”.

aquela força, causa um certo impacto, e sobreviveu ao poder instituído. E do ponto de vista da classe dominante, o teatro tem um peso que é a arquitetura!

Folhetim — A arquitetura como uma manifestação espacial do Poder.

Márcio — E de uma maneira tão acentuada que o logotipo do Estado não é uma vitória-régia, e sim o Teatro Amazonas.

Folhetim — Há ainda um fenômeno interessante em relação ao Teatro Amazonas: é comum se realizarem manifestações coletivas, muitas delas até com representações teatrais, não no Teatro Amazonas, mas na praça onde ele se situa, a praça S. Sebastião. Uma praça com traçado italiano, com amplos espaços vazios, e onde há muitas quermesses, concentrações públicas, procissões, etc. Quer dizer, em frente ao grande templo vazio, onde turistas pagam para visitar, acontecem encenações vivas com muita frequência.

Márcio — Há um movimento teatral muito maior nas ruas e praças de Manaus do que no palco do Teatro Amazonas. E uma restauração majestosa transformou o seu palco num dos mais sofisticados do Brasil. Daria pra fazer o diabo ali dentro.

Folhetim — Quantos grupos de teatro existem atualmente em Manaus?

Márcio — A cidade e o Estado contam com 15 grupos catalogados oficialmente. Destes 15, oito já possuem estatutos, sedes e já estão razoavelmente organizados.

Folhetim — Como funciona o trabalho do grupo? E como se consolidou esse movimento teatral em Manaus?

Márcio — Bom, realmente o Tesc já conseguiu, depois de 10 anos, estabelecer algumas regras de trabalho. Primeiro, porque há uma ligação orgânica do grupo com o Sesc de Manaus, havendo inclusive uma ponte entre ambos, que é o ator Stanley Whibe. Cada ano a gente prepara um projeto de trabalho e apresenta ao Sesc, que aceita tacitamente esse projeto. A gente recebe também uma verba do Sesc que cobre aproximadamente 60% do projeto anual. Isso é até positivo, porque o grupo não pretende atrelar totalmente sua atividade à instituição. Além disso, a gente se utiliza do espaço do teatro, onde se realizam discussões sobre o nosso trabalho, seminários e ensaios sobre vários temas regionais. Aliás, o Tesc é o ponto de encontro das atividades teatrais, porque em Manaus a gente não se encontra em cantina ou pizzaria... Não sobra grana pro capelete e vinho.

Há também vários outros grupos em Manaus que trabalham vinculados às instituições, mantendo, como a gente, uma certa autonomia. E o caso, por exemplo, do Teatro da Aliança Francesa e do Gruta, ligado à Universidade do Amazonas. E todos esses grupos, inclusive o do Sesc,

funcionam como amadores, pois ninguém é profissional, ninguém vive de teatro. Outro fato que reitera a consolidação do movimento teatral em Manaus é a criação da Federação Independente de Teatro do Amazonas. Foi através da federação que o movimento teatral de 78 traçou sua proposta de trabalho. Essa proposta e a atuação só dependem do grupo, quer dizer, parte fundamentalmente dele. Aí, quem quiser participar do trabalho, dando apoio financeiro, etc, tudo bem. Essa política parece que vai se tornar ainda mais orgânica este ano, pois nós inclusive já fizemos uma reunião em dezembro que discutiu o trabalho prático de cada grupo; problemas com transportes, divulgação, coisas desse tipo.

Folhetim — No Tesc, como se organiza a montagem e a escolha de temas?

Márcio — Primeiro, a gente direciona um trabalho que retire a história das mãos da ideologia oficial, esse é o passo inicial. Em seguida, a gente se dedica à pesquisa. Por exemplo, quando o grupo pensou em montar uma peça sobre o ciclo da borracha, nós fizemos uma pesquisa exaustiva da época, a situação econômica e em todos os níveis. E localizamos também as figuras mais importantes de todos esses contextos. Nós não tínhamos, no início, a mínima idéia do que ia dar essas discussões e todas essas pesquisas. Depois de um mês de estudo da documentação em fontes, e de acaloradas discussões sobre o significado do ciclo para a região, nós começamos, então, a esboçar o que o espetáculo poderia encenar, e de que forma montá-lo. Ao mesmo tempo que se estudava a base sócio-econômica da sociedade, a gente dava uma olhada também na produção cultural da época. E a linguagem que mais se aproximava do processo histórico do ciclo da borracha era o vaudeville, que foi escolhido para a peça “Folhas do Latex”. O vaudeville tinha muito a ver com o que a gente imaginava e queria para o espetáculo. Primeiro, por causa do humor, que é uma arma violenta contra a alienação, e depois pelo caráter fragmentário do vaudeville, que correspondia à própria história do ciclo da borrachinha, pois permitia que a gente apresentasse vários quadros e fizesse uma grande síntese no final.

Agora, esse ritmo de discussões e linha de trabalho acontecia também em outras montagens, como as peças sobre cultura indígena. Todo o nosso trabalho não se distanciou desse caráter coletivo, que parte da documentação e em seguida passa por discussões, até atingir uma síntese que reproduza de uma forma eficiente o momento histórico no qual se situa o espetáculo. Por outro lado, a gente que trabalha na Província tem de reconhecer que nós não contamos com a sofisticação

de um elenco. Por isso, a única coisa que a gente pode segurar, do ponto de vista teatral, é a assimilação de um razoável conhecimento de causa daquilo que a gente tá querendo passar para o público. Então, quando a Condessa de Nivico, de “Tem Piranha no Pirarucu”, diz todas aquelas coisas, ela já esmiuçou a sua fala de tantas maneiras, que a sua eventual deficiência de dicção e expressão corporal não vai prejudicar o seu desempenho. E o ator profissional não precisa de tudo isso, ou seja, não necessita saber, com tanto rigor histórico, o que vem a ser a zona franca ou mesmo uma madame do extrativismo. Cada vez que o grupo monta um trabalho, ele amplia o seu conhecimento sobre a realidade. E isso é muito produtivo, porque fazendo teatro você reconhece o teu universo mais próximo.

Folhetim — No caso de “Tem Piranha no Pirarucu”, parece que foi o ponto de partida para uma reflexão mais crítica a respeito da zona franca, não é?

Márcio — “Tem Piranha no Pirarucu” foi o primeiro texto que escrevi. Foi em 1968, e eu ainda estava impressionado com o impacto do “O Rei da Vela”, do Zé Celso. E de repente eu notei que a única linguagem eficiente para reproduzir o que estava acontecendo em Manaus era o teatro. Agora, eu acho muito importante a gente ter encenado essa peça, porque foi praticamente a primeira crítica frontal à classe dominante. Depois da encenação do espetáculo, muita gente lá em Manaus criou coragem e partiu para uma posição mais crítica em relação a essa loucura toda que é a zona franca.

Folhetim — Acho que vivemos num momento que o Brasil passa a descobrir a Amazônia. Estamos presenciando o extermínio das sociedades indígenas e estamos também assistindo a esse teatro da crueldade, que é a devastação insana, como você mesmo qualificou. Será que não seria o caso de a gente tecer uma consideração apocalíptica, de colocar em dúvida a própria sobrevivência da região?

Márcio — Eu sinto que o momento é de grandes definições, não só para a Amazônia, mas pra toda a situação política que a gente está vivendo. Mas, realmente, de todas as ameaças que a região vem sofrendo ao longo da história, a de hoje é a que mais me impressiona e me sensibiliza. Para a Amazônia sobreviver, acho que precisamos criar uma unidade regional, juntar os cacos e os fragmentos da história do povo amazônico, que foi esfacelada pelo discurso do colonizador. E essa unidade, acho que já está começando a se efetivar. Além do que foi discutido nessa nossa conversa, outras coisas estão acontecendo, que são importantíssimas para todos nós. Por exemplo, agora em março, vai haver em Belém um encontro de todos os trabalhadores de cultura da região, pra discutir dois assuntos prioritários. Primeiro: a distribuição da cultura regional fora dos canais oficiais da classe dominante. Segundo: o rompimento com essa cultura oficial. São dois temas que seriam inimagináveis há algum tempo atrás.

Por outro lado, acho que a figura do índio tem que ser imediatamente resgatada, mesmo porque a própria elite cabocla, já em extinção, vai começar a defender a imagem do índio, para que ela, a elite, possa também sobreviver. Então, não vai me causar muita surpresa quando aparecerem ilustres governadores e decadentes extrativistas defendendo o problema indígena, para se contraporem às empresas multinacionais. A questão agora é saber se esse processo vai marcar a união de todas essas pessoas, ou seja, artistas, cientistas, intelectuais, políticos — no sentido lato do termo — ao povo amazônico. Pois não se pode pensar em preservar a região sem a participação de seu povo, que sempre ficou ausente, sempre foi afastado e humilhado. E esse povo é o índio, o caboclo, o migrante que se deslocou para lá. Sem a aliança com essa nova força, que é vital e fundamental, deve-se realmente perguntar: será que a Amazônia sobrevive? Será que ela consegue superar mais essa ameaça? Agora, como ela é meio apocalíptica mesmo, a gente pode até arriscar e dizer que a nossa sobrevivência está atada à sobrevivência da humanidade. Quer dizer, se a floresta da Indonésia sumiu em 30 anos e nada aconteceu com o ecossistema da Terra, eu quero ver como é que vai ficar esse planeta, quando, antes do ano 2 mil, a Amazônia estiver transformada num monstruoso deserto. Aliás, eu quero pagar pra ver.

Pelos vídeos da vida

Álvaro de Faria

Realmente esta cidade está parecendo Nova York. Pelo menos em termos de televisão, observadas as devidas proporções. Tanto que um grupo de pessoas bem intencionadas em faturar um pouco mais, está chamando São Paulo de Nova York da América Latina. Fugindo de mais essa jogada comercial, detenho-me nestes tempos de completa inércia, nos programas de televisão, onde acontece de tudo.

Ligo o aparelho no meio da tarde e vejo no vídeo uma grave senhora dando conselhos às suas telespectadoras:

— Quando eu vou prá cama com um homem eu não quero ser tratada como Nossa Senhora. Beijo tem que ser na boca e não nos pés.

Achando que ela está certa e como não tenho nada a ver com seu problema pessoal, mudo de canal e vejo a loura figura de uma cantora desconhecida dizendo que roubou o namorado de sua melhor amiga. Mas não tem nada não — afirma ela: Eu perdi minha melhor amiga mas ganhei um grande amor, com quem viverei o resto da vida.

Acreditando ainda que tudo está absolutamente certo, viro o botão e caio num programa religioso, onde um sorridente pastor evangélico pede o depoimento de um fiel de olhos esbugalhados. O homem, suando pequenas gotas escorrendo pelo rosto, diz que sua esposa quis assassiná-lo. A câmera se aproxima, os olhos querem saltar:

— Eu tenho um quatinho no fundo de minha casa onde faço minhas orações. Minha esposa nunca quis que eu orasse. Ela passava o dia xingando o Senhor. Era o demônio que estava dentro dela. Um dia ela pegou uma peixeira, encostou no meu pescoço e gritou bem alto:

— Quero ver se o teu Senhor te salva agora.

O homem continua, passando a mão na testa:

— Com a peixeira encostada

no meu pescoço, eu disse: "Valha-me, Senhor!". Ai aconteceu o milagre. Ela fraturou o braço, a faca caiu espetada no chão. Então ela me abraçou e disse chorando: "Você é meu esposo, eu devo ser sua serva. Estou salva, estou salva".

Depois, acometida de outro demônio, a mulher tentou suicidar-se, enfiando uma faca no estômago. Mas ela foi salva pelo Senhor, que se manifestou por intermédio do pastor que, neste momento, dentro de sua imensa glória, está sorrindo orgulhosamente para a câmera.

O programa termina quase em transe, quando o pastor diz que à noite estará no estádio do Pacaembu, oportunidade em que todos os fiéis devem comprar seu último LP com três orações feitas para sua salvação.

Meio desorientado, espero a noite, quando a TV me mostra um índio vivendo na grande cidade, fora do seu meio. Neste momento ele bebe cerveja numa discoteca. Ele vai casar-se com uma moça branca e, certamente conseguirá entrar na universidade, onde se doutorará e dará ao País um exemplo grandioso, além da idéia de que os índios brasileiros já estão preparados para sua emancipação.

Deixo a noite escorrer pelas paredes. De vez em quando abro a cortina para ver se não há nenhum assaltante junto ao meu portão. Pela manhã, mais ou menos refeito, torno a ligar a TV e assisto, procurando não olhar muito para as pernas da professora, uma aula de ginástica que, segundo ela, dará novo ânimo à minha vida. Faço todos os exercícios deitado ao lado do meu cachorro que, de vez em quando, coça a barriga e acha que eu estou definitivamente louco. E que ele, o meu cachorro, prefere somente as novelas. E acha que todo o resto é pura bobagem. Com o que diga-se de passagem, a minha hiena de estimação está de pleno acordo.

amor um nobre ritual. Ao paquerar a fêmea, o macho emite sonoras cantadas, acompanhadas de rodopios. Vez ou outra, ergue o pescoço, estufa o papo e chega bem perto da fêmea com as penas do rabo em leque, tocando o chão. Se, por instinto, percebe que a fêmea topa a parada, interrompe os arrulhos e aproxima-se para a parte do cerimonial dedicada a troca de furtivos beijos. Só então é que vem o ato sexual.

Depois, a descontraída revoadada, não muito longa.

Após vários acasalamentos, o macho muda de comportamento em relação à companheira. Torna-se irritado e agressivo. Persegue a fêmea por todo o canto, chegando à violência (bicadas). É que está chegando o momento de ovar e, como bom marido, quer preparar o ninho, num trabalho conjunto.

Instalada finalmente a fêmea no pombal, o macho sai à procura de pequenos galhos secos, levados um a um; cabe à fêmea montar o ninho. A divisão do trabalho doméstico não pára aí. No período de 20 dias, eles chocam os ovos (geralmente dois), embora a fêmea permaneça sobre os ovos quase 24 horas. Só por volta do meio dia, o macho permite à fêmea umas duas horas para o almoço, a sua única refeição.

Quando os filhotes nascem, o macho toma a direção do lar, encarregando-se de alimentar as crianças, embora a mãe não se descuide dos filhos. E só quando os pombinhos aprendem a voar e comer sozinhos é que os pais retomam as carícias nupciais, depois de quase três meses de completa abstinência. E vivem anos assim, em completa harmonia conjugal, digna de imitação e respeito, porque eles realmente sabem amar.

União consensual?

Djalma Nery

As burocracias não podem

Objetos não identificados

Paulo Neves da Silva

Por mais que a imprensa já tenha falado, o assunto discos voadores conserva o sabor de algo inédito. Vira-e-mexe está de volta, com uma periodicidade que valeria a pena calcular, mas que seguramente não é maior que a da Lua cheia. Duas aparições deram o que falar nas últimas semanas: uma na Nova Zelândia, chegando até a mobilizar a Força Aérea daquele país; e a outra aqui, em Sorocaba, interior paulista, onde três pessoas (duas delas policiais) afirmaram ter visto uma "coisa" estranha e luminosa no céu. Em ambas as notícias, um traço em comum chama a atenção — o envolvimento de autoridades militares nas fontes (não importando o escalão), que dá aos relatos um toque de verossimilhança para o grande público. Mais próxima, a aparição de Sorocaba aticou o sensacionalismo da população local e da imprensa, trazendo uma reprise do que já se disse em outras ocasiões ou que se viu no cinema, apenas com variações em torno do bizarro (que sempre é o "quente" da notícia). Um jornal paulista estampou em primeira página que foram avistados "seres verdes com veias róseas" (percebiam, nessa descrição, o som e o colorido da frase, negavelmente um recurso poético de linguagem) e uma emissora de rádio tentou reeditar o famoso



programa radiofônico em que Orson Welles, há 40 anos, simulou uma invasão da Terra pelos discos voadores. Não estranha que o fato seja explorado dessa forma pela imprensa. Sua natureza é diferente da de outras notícias. A começar que ainda se discute a realidade dos discos. (Eles existem ou não existem?). E essa dúvida sobre a veracidade das visões e dos visionários contamina fatalmente os próprios meios de divulgação. (Não será tudo isso uma invenção da imprensa?).

A única coisa certa, neste controvertido assunto, é que os discos voadores alimentam e são alimentados pela comunicação de massa. Hoje, com o rádio, o cinema, a TV e o telex, uma corrente de boatos percorre a Terra inteira numa fração de segundo. Sabemos de tudo o que acontece, que aconteceu, que esperamos vá acontecer. E os discos como assinalou o psicólogo Carl Jung satisfazem o apetite de sensação, de aventura, a curiosidade intelectual e o fascínio pelas performances técnicas, tão características do nosso século. Jung foi além des-

que um jovem foi obrigado a manter relações sexuais com sua raptora foi divulgado em todo o mundo e talvez possa ser atribuído a interesses promocionais dos envolvidos. De qualquer forma, milhares de ataques sexuais são realizados todos os dias e não despertam a atenção do público. Na foto, distribuída pela UPI esta semana, o registro da entrevista de TV, irradiada pela ABC, em que o apresentador do programa "Bom Dia, Estados Unidos" (à direita) conversa com Greta e John, o casal envolvido no primeiro processo por estupro dos EUA em que a esposa acusou o próprio marido. O tribunal entendeu que ele não era culpado. Agora, já reconciliados, gozam juntos momentos de celebridade. A decisão judicial está provocando muitos protestos. Aqui no Brasil, consta, já houve vários casos desse tipo, mas a decisão sempre foi a mesma: o marido era inocente.

ta simples constatação e relacionou o fenômeno com o "stress" coletivo resultante de um mundo em rápida transformação, onde as crenças e os valores do passado são postos em causa. As pessoas estão ansiosas, amedrontadas, querem acreditar em alguma coisa, ao mesmo tempo que buscam se emancipar — e tudo isso representa, para Jung, um desejo de reintegração e vivência plena da personalidade, que os discos esféricos, luminosos, onipresentes estariam como que a nos confundir lá do alto. Os estudiosos mais sérios do assunto costumam dizer: "vê-se alguma coisa, mas não se sabe o que" (O que será que será? Ecos de canções que nos chegam dos discos...).

Ao começar a redigir este artigo, estava mais interessado em fazer uma reflexão sobre a comunicação jornalística do que propriamente sobre discos voadores. Pode parecer esquisito, mas a primeira coisa que me ocorreu, ao sentar diante da máquina, foi uma vontade de falar, não dos objetos não identificados que tinham voltado a aparecer, mas antes para esses objetos não identificados, que estão sempre aí e que são... os leitores de um jornal. Anônimos, distantes, mas atentos é assim que os vejo e sinto, presenças estranhas no meu firmamento de observador. Sei que a analogia parecerá delirante: você, leitor, é como um disco voador. Para mim, você é absolutamente inédito e inexplicável, muito mais do que os discos, e por mais que eu fale disso ou daquilo. Dentro de você é que está "a coisa".

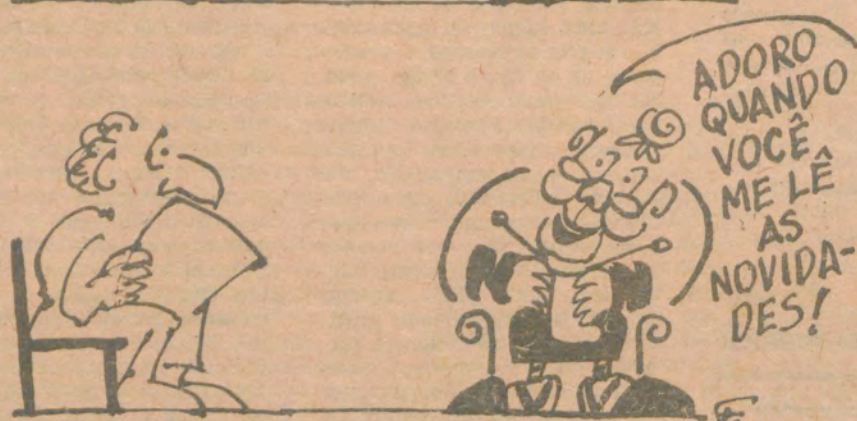
Pombos, Amem....

José Maria de Lima

Numa cidade infestada de ratos, com frequência irritante surgem inimigos dos inofensivos pombos; desta vez é o vigário da Igreja de Moema, mandando aos infernos o símbolo da paz.

Além da paz, os pombos podem ser também o símbolo do amor, isto porque, entre as aves domésticas, eles fazem do ato do

VÓ PUREZA



NOVOS FENÔMEMOS

descobertos pelo prof. Reginaldo

UM ANO DOS MENORES

Ainda estamos no dia 21 de janeiro do Ano Internacional da Criança, e não se fala mais nisso. Mas vou dar um tempo, vou esperar até o fim do ano, para ver se ele dura pelo menos um ano. Se até lá este Ano Internacional da Criança não tiver motivado soluções efetivas para esses problemas todos, que são chamados — no singular! — de “o problema do menor”, terá ocorrido no Brasil este fenômeno inédito em matéria de calendário: o ano de 24 horas, tempo de um programa beneficente da TV-Globo.

OS AUTOS-IMÓVEIS

Por ocasião da greve dos motoristas, no Rio, quem tinha carro foi de carro para o trabalho. Então as avenidas se engarrafaram e ficou evidente esta verdade: não são os coletivos que engarrafam o trânsito, e sim os carros. Só mesmo numa civilização em que se desenvolve a política automobilística e se subdesenvolve a onibusbilística, pode ocorrer fenômeno como este: um engarrafamento por falta de condução!

A MAIOR PROVA

Os exames vestibulares realizando-se em estádios de futebol. Os vestibulandos tendo que assinalar com um “xis” as respostas de múltipla escolha: coluna um, coluna dois, coluna do meio. A maioria dos resultados dando zebra. Acho que não preciso dizer mais, para assinalar este fenômeno na vida nacional: o da reencarnação do espírito da Loteria Esportiva nos exames vestibulares.

DIZ, LOGOTIPO!

ANTONIO C. FERRAZ (Cadeia Pública Pederneras, SP): “Estou preso, mas gostaria de participar da sua coluna com este logotipo. Não sei quais são as regras ou o regulamento.

Leio só aos domingos a Folha, pois encontro nela um apanhado da semana e o Folhetim, que gosto muito de ler.

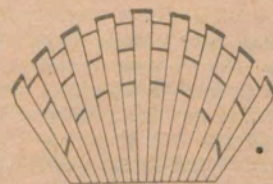
Desde já meus cumprimentos a toda equipe e um obrigado.”



Vista aérea do
desmatamento da Amazônia.

TOSHIHARU HASHIMOTO

(Vera Cruz, SP)



Por detrás das grades,
olhando o sol nascer.



Infelizmente Não Atendo Mais.
Passe Sábado.

CASSIO PAREDES ASSIS
(Água Rasa, SP)

DIZ, TORCIDA!



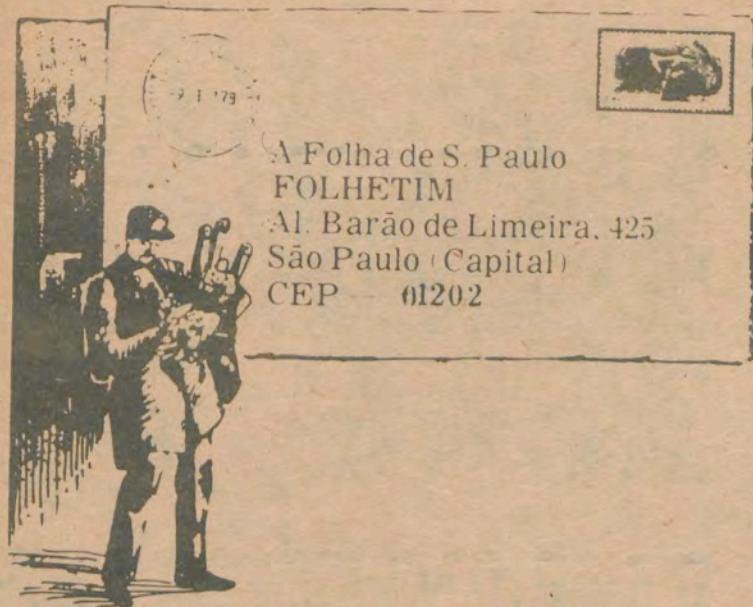
Ah, Franguel Esse!

UBIRATÁ DAMIANCE

(Araçatuba, SP)

Fortuna





Rosas para Caymmi

ROSA MARIA MANO (São Paulo, SP) — A rosa recém-aberta é Caymmi. E onde ele estará eternamente. Cada desabrochar de uma nova rosa, cada movimento de folhos, cada onda de mar, cada pescador, cada criança nascendo nos trará Caymmi. Ele é chão, é elemento. Caymmi não tem idade, porque nasceu ontem, nasceu hoje, nascerá novamente daqui a instantes de um parto sem dor. Caymmi está desabrochando agora, feito uma rosa encarnada, da ponta dos meus dedos. Falar da vida com o lirismo, a alegria e a compreensão de Caymmi, só mesmo sendo Caymmi. Porque ele passou na jangada com Carapeba, atrapalhou a pesca de um profissional. Ele viu Dora dançar numa rua de Pernambuco e brigou com Marina criança como se fosse uma criança, que faz de conta que não sabe amar ou perdoar. Caymmi é a lembrança do caramanchão no fundo do quintal, onde minha mãe cantava "Marina", onde eu ouvia atenta e pedia bis. Caymmi é meu gerânio predileto. É uma canção pra ninar gente grande que perdeu a esperança. Eu havia esquecido a importância de se ver a vida pelo prisma de criança e de ser feliz simplesmente porque existe vida, porque amanhã talvez eu encontre uma nova flor no meu jardim. Dança, Caymmi, dentro de mim, que eu te faço prenda da felicidade que havia esquecido e você devolveu.

R — E com cartas como esta que eu fico sem saber o que responder, Rosa... Apareça sempre...

Atentados

DONIZETE CORREIA LIMA (São Paulo, SP) — E como disse o Chico Buarque no especial de Natal gravado para a TV Bandelantes: "Não é para ficar grato, nem muito contente, não; tem que ficar é muito atento, porque nada impede que, amanhã, tudo isso volte ao estado em que estava." E o que aconteceu agora com a música "Meu Amor", do próprio Chico, trilha da peça "Opera do Malandro" e proibida em todo o território nacional. Atentado a segurança nacional, à moral e bons costumes, ou ao quê? Não seria também todo esse "lixo musical" que vem de fora, um atentado à cultura brasileira?

R — Pois é, atentado "made in USA" à cultura nacional, pode; agora, atentado à "moral e bons costumes"... já viu, né?

Grito

MARIA CLARA PEDRO (Cosmópolis, SP) — Saudações à República Democrática do Folhetim. E que "balta" de democracia, hem? Desculpe o ad-

jetivo, mas eu estou tão habituada às democracias rotuladas que não pude evitar. Notem a diferença desta para aquela tal "democracia relativa", onde o pau come solto quando alguém abre a boca e diz coisas consideradas inconvenientes. NARDF, não. Todo mundo escreve o que bem entende; todo mundo lê; quem quer, responde, contra ou a favor; e ninguém perde o sono por isso. Mas, vou te contar, não é fácil. Aliás, Cristianismo e democracia são as duas crenças mais difíceis de serem mantidas. Foi dose pra leão aguentar a "aula de sociologia" do sr. Armando S. Rezende, e agora me aparece o sr. José T. Barros escondendo o jogo. Câ entre nós: ele deve estar sabendo de alguma coisa, pois não é qualquer um que pode falar de Justiça e Liberdade naquele tom. Talvez a nossa escala de valores esteja ultrapassada. Além de Erico Veríssimo e Chico Buarque, quem mais falou de Justiça e Liberdade tão intensamente foi Jesus de Nazaré, e faz muito tempo que ele morreu, incompreendido. E nós, mil e novecentos e tantos anos depois, continuamos desejando só Justiça e Liberdade. Será que perdemos o bonde? Será que Chico é uma voz clamando no deserto? Será que somos apenas o eco, destinado a se perder no tempo?

R — Que eco, que nada! Somos (pelo menos nós, aqui do Folhetim) o grito que não deixa muita gente dormir. E o nosso grito não se perde, como o eco.

Salsichão

DECIO MACHADO (São Paulo, SP) — Que obra de arte é essa? E o que pergunta qualquer pessoa que passe pela Praça da Sé. Provavelmente, se algum OVNI (desses que andam rondando Sorocaba e Botucatu) aterrissar na Sé, os seus ocupantes pensarão tratar-se de um salsichão. Mas, isso não é nada: os melhores exemplares estão por vir, pois já foram encomendadas mais 13 "peças raras" pelo não menos raro Olavo Setúbal, ao custo de 500 mil cada. O povo, porém, entende tudo isso, pois estão jogando fora leite, cebolas, laranjas etc., não é de se estranhar que se jogue também dinheiro, né?

R — A obra de arte colocada na Praça da Sé pelo nosso ilustre alcaide não foi feita para o povo "entenderem", não senhor! Está muito enganado com a cor da chita, meu velho. E a velha estória: coloca-se aquele salsichão de 500 milhas lá na praça, tentando-se fazer com que o povão melhore sua sensibilidade artística e depois (esse povo é mal-educado, mesmo) eles ficam reclamando leite, cebola, laranjas, aumento de salário, etc. A arte é mais importante que a alimentação, rapaz! Por que é

que o povo não aproveita e "traça" o salsichão, hem? Tai uma boa idéia.

Enganador

FRANCISCO PARRA VILLAR (São Paulo, SP) — O brasileiro não está preparado para ler. Sim, é isso mesmo! Pude constatar o fato no sábado passado, quando encontrei em casa um jornal de 1975 (19/9/75, sábado, "Folha da Tarde") e tive a idéia de fazer uma experiência: fui à banca de jornais da esquina e afixei o tal jornal junto com outros ali expostos ao público e, para minha surpresa, ninguém suspeitou que se tratava de um jornal de 3,5 anos de idade. Bem, mas afinal qualquer pessoa se enganaria, pois as manchetes de primeira página eram tão atuais: "Morceu Juarez Távora", "Pace larga na 1.ª fila", "Kissinger criou problemas para Ford", "Frio: programas para proteger agropecuária", "Astronautas Russos e Americanos Visitam-se no Espaço", etc... E, pois é.

R — Pois é, Chico, então é mais um daqueles cuja maior diversão é enganar o povo. Né? O povo não tem interesse em saber se o Pace larga na 1.ª ou última fila, não senhor: fila prá eles, é a do INAMPS, da carne e do leite, só! Agora, vai lá e põe um jornal dizendo na primeira página assim, ô: "Corinthians Campeão!", que você vai ver o que é bom... Ao povo, podes enganar, velho, mas não a mim.

Tempos de Tarso

ANEDINO FERNANDES (Mauá, SP) — Parece que... parece, não: realmente, o Folhetim não quer publicar as cartas que eu envio todas as semanas. Uma coisa eu garanto: quem sai perdendo não sou eu. No tempo do Tarso de Castro, todas as minhas cartas eram publicadas. Não sou jornalista; sou artística plástica, e dos melhores, mas, mesmo assim, procuro me aperfeiçoar cada vez mais na minha profissão. Enquanto isso, vocês não inovam em nada.

R — Realmente, Anedino, no tempo do Tarso as coisas eram um pouquinho diferentes (aquelas coisas de "... a primeira Coca-Cola, me lembro bem agora, foi nas asas da Panair", sabe?). Em relação às inovações, você acertou: não inovamos nada, mesmo, tanto é que ainda continuamos a publicar suas cartas.

Idéia fantástica

SERGIO ROBERTO NOBRE (Campinas, SP) — Como já vimos, a Rede Globo é uma emissora que gosta de fazer grandes realizações populares, gosta de "conscientizar" o povo. Como mais uma grande realização, aqui vai minha sugestão: que tal um fim de semana inteiro sem nenhuma emissão de TV no ar? Não seria uma boa, já pensaram passar um domingo inteiro para poder conversar com a família, conhecer os vizinhos, dialogar com os filhos? E, além do mais, poderíamos

ATENÇÃO PARA
O NOVO MINISTÉRIO:
MARIO ANDREAZZA,
DELFINO NETO,
SIMONSEN,
GOLBERY



ficar um fim de semana sem ter de ver aquele "pri-pri" e, o que é mais importante, sem ver a cara do Silvio Santos.

R — Tão tá. O problema (deles, não nosso, é claro) é que, se a turma descobrir e gostar do fim de semana sem TV, como é que eles vão ficar? Apesar de tudo, acho "fantástica" essa sua idéia...

Padres e pombos

NILTON BLANDY PINHEIRO (Araçatuba, SP) — O que vou dizer todos sabemos e é coisa banal. Vivemos num mundo de doenças de todo tipo: mentiras, corrupção... Enfim, mil e uma safanagens viróticas e bacteriífilas (?). Isto não tem remédio que cure, meus chapas. Não tem reza de qualquer religião ou n'alguma igreja que façam melhor. Causadas todos por animais "com cabeça". Os animais "sem cabeça" não causam essas anomalias. A cidade aí anda como um monstro, de concreto e sem árvores, sem vida. Chamo a isto de destruição, e não crescimento. E domfngo. Tarde bonita, tarde de sol na bonita cidade que vivo. Faz calor e vou escrevendo e ouvindo o "maior som" dos pardais. Eles são iguais, cinzas e felos, mas são bonitos porque cantam e não fazem mal; roubam algumas jaboticabas, mas tudo bem. Sou assinante da "Folha". Motivo de primeira página, a reportagem (excelente) de Silvana Salerno, falando

sobre o extermínio dos pombos do largo de Moema. No meu modo de pensar, um padre que pensa daquela forma não tem condições para ser tal. Gente que pensa assim é que precisa ser exterminada.

R — Aproveitando a dica, lanço aqui um tema que será parte integrante do cenário nacional neste ano: a conciliação nacional. Calma, Nilton, nem tanto à terra, nem tanto ao mar (ou nem tanto aos pombos, nem ao padre), meu caro! Se radicalizarmos as posições como você propõe, breve ficaremos sem pombos (e talvez até sem pardais) e sem padre...

Lélia Abramo, que comentou a música "Cálice" do Chico (Folhetim 101), tem a esclarecer o seguinte: "O Roberto já está na nossa história há quase 15 anos. Um grande artista como ele fica pela sua sensibilidade. Roberto diz, com aquele seu jeito meigo, com sua sinceridade, coisas que agradam nosso povo. Aquele jeito seu, de garoto meio abandonado, toca qualquer pessoa. Além disso, quem consegue ficar indiferente a toda aquela simpatia? Ele é tão querido quanto o Chico e também tem a mesma importância. É lógico que o Roberto vai ficar mesmo na nossa história."

Está aí, Lélia, o seu esclarecimento.

FOLHETIM

Editor

Nelson Merlin

Redação

Jary Cardoso, Cristina Villares (diagramação), Vicentina Imperatrice (secretária)

Colaboradores

João Ubaldino Ribeiro, Jorge Arizio, Josué Guimarães, Mário Quintana, Alvaro de Faria, Fernando Paiva, Fortuna.

Especiais neste número

Carlos Alberto Luppi, Rui Veiga.

Milton Hatoum, Paulo Neves da Silva, José Maria de Lima, Djalma Nery.

Desenhistas

Angeli, Arnaldo, Fausto, Glauco, Jota, Luiz Gê, Petchô.

Montagem

Alejandro Camuzzi, Flavio Buzzolini, J. Fernando de Sousa, Maria Lubina, Videcon Santana, M. Angela S. Passarelli.

Capa

foto de arquivo/criação Jota

PUBLICAÇÃO DA
FOLHA DE S. PAULO

Editor Responsável
Boris Casoy

DEPOIS DESSE MINISTÉRIO AI. ACREDITAMOS ATÉ EM DISCO VOADOR!

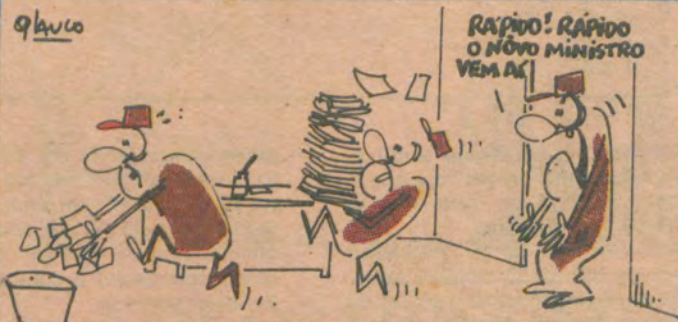


**vira
lata**

QUE MARCIANO QUE NADA, EU TÔ VERDE E' DE FOME MESMO!



glauco



E QUE VENHA
O
MINISTÉRIO!



ARNALDO

